

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES			CÓDIGO DA FICHA					
			GO	01	00	08	F20	01
			UF	SÍTIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Pirenópolis
LOCALIDADE	Pirenópolis
MUNICÍPIO / UF	Pirenópolis

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Império do Divino Espírito Santo
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Império, Império do Divino
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



SET-6482 – ADÃO ROSA PIRES, IMPERADOR DO DIVINO EM 2008, DIANTE DO ALTAR DA CORDA
 FOTO: SAULO CRUZ, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01****4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO****A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis**

Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2,1-4) (Catálogo da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Pirenópolis, 2007)

A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis conta com inúmeros rituais e personagens: Império, Três Folias (do Padre, da Cidade e da Roça), Mascarados, Cavalhadas, Reinado (composto pelo Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e pelo Juizado de São Benedito) e outras expressões ligadas à Festa, como as Pastorinhas (auto teatral) e operetas, além da Barraca do Padre, feira e ranchos dançantes. As Cavalhadinhas complementam a Festa: realizadas essencialmente por crianças, são a reprodução-mirim dos festejos e momento máximo de socialização de uma nova geração nos valores pirenopolinos. Neste ano, outro evento foi oficialmente incorporado à programação: a exposição “As Artes do Divino de Pirenópolis” (CNFCP/IPHAN-MinC), onde artistas locais puderam apresentar suas criações inspiradas no Divino.

Em Pirenópolis, a Festa do Divino Espírito Santo faz parte de uma imensa rede de festas religiosas populares que se espalha pela cidade e seus povoados: além de inúmeras novenas e rosários, de janeiro, com a Folia de Reis, a outubro, com a Festa de São Judas Tadeu, a população local festeja várias Nossas Senhoras (Santana, Rosário, Aparecida) e outros santos, além do Divino Pai Eterno e da Santíssima Trindade (a famosa “Festa do Morro”, que acontece na lua cheia de julho).¹ Essa seqüência de festas, entre as quais a do Divino é a de maior devoção, revela a profunda religiosidade que permeia e organiza a sociabilidade local: as festas organizam a economia, informam a geografia, a história, a tradição e a memória local.

Trata-se da mais relevante manifestação de devoção ao Divino do país e desempenha papel central na formação e da identidade cultural local: forma-se um jeito próprio de viver e sentir o mundo onde não há um tempo “antes” e um tempo “depois da Festa”, nem distâncias intransponíveis entre o catolicismo oficial e o catolicismo popular. A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis apresenta todos os pressupostos que nos permitem entendê-la como um “*fato social total*”: implica num sistema de produção e circulação de bens e de dádivas que são acumulados para serem redistribuídos, interferindo em todas as dimensões da vida social. (Mauss, 1974)

A intensidade da festa, a extensão e sobreposição de tantos festejos e o grande envolvimento da comunidade local podem dar a impressão de que estamos diante de comemorações praticamente *independentes*, quase que aleatoriamente agregadas em torno de um tema principal. Entretanto, uma observação mais cuidadosa revela que há um circuito de trocas simbólicas que vincula firmemente ao Império do Espírito Santo a maioria destas celebrações. Objetos simbólicos circulam no espaço de cada festejo e entre os festejos, e são consagrados pelo Imperador ou na presença do Imperador. É sob as asas do império e pela ação do Imperador que esta multiplicidade de manifestações ganha a sua inteira dimensão.²

¹ EM JANEIRO, FOLIA DE REIS EM RADIOLÂNDIA E FESTA DE SÃO BENEDITO NA CIDADE E NOS POVOADOS DE CAPELA, GOIANÓPOLIS E BOM JESUS; EM MARÇO/ABRIL, NA CIDADE, OS FESTEJOS DA SEMANA SANTA, COM MISSA E PROCISSÕES (NOSSA SENHORA DAS DORES, NOSSO SENHOR DOS PASSOS E PROCISSÃO DA RESSUREIÇÃO); EM MAIO/JUNHO, A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, COM SUAS FOLIAS, REINADO E CAVALHADAS. NOS MESES DE JUNHO/JULHO, FESTA DE NOSSA SENHORA APARECIDA E SÃO JUDAS TADEU NO POVOADO DE JARANÓPOLIS; FESTA DE NOSSA SENHORA DE SANTANA NO POVOADO DA CAPELA; NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO, EM LAGOLÂNDIA E FESTA DO DIVINO PAI ETERNO EM LAGOLÂNDIA E CAXAMBU; FESTA DE SANTO ANTONIO E SÃO GERALDO; FESTA DO SENHOR BOM JESUS, NO POVOADO DE BOM JESUS E FESTA DO MORRO (SANTÍSSIMA TRINDADE), NO MORRO DOS PIRENEUS, NA LUA CHEIA DE JULHO. EM SETEMBRO, NA CIDADE, FESTA DE NOSSO SENHOR DO BONFIM E DE NOSSA SENHORA APARECIDA E SÃO VICENTE DE PAULA, NO POVOADO DA PLACA; E EM OUTUBRO, FESTA DE SÃO JUDAS TADEU. (WWW.PIRENÓPOLIS.GO.GOV.BR)

² VEIGA, F. B., *A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, GOIÁS: POLARIDADES SIMBÓLICAS EM TORNO DE UM RITO* – DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, 2002, UFF

O IMPÉRIO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

“Que força há na coisa dada que faz com que o destinatário a retribua?”

Mauss. 1974:42

A Festa do Divino Espírito Santo é uma festa móvel, com data que varia conforme a combinação dos ciclos solar e lunar, com clímax no Domingo de Pentecostes, normalmente entre os meses de maio e junho.³ Em 2008, os festejos do Divino em Pirenópolis se desdobraram ao longo de um período de 64 dias: iniciaram-se no Domingo de Páscoa (este ano, dia 23 de março), tiveram seu ápice no dia 11 de Maio (Domingo de Pentecostes ou “Domingo do Divino”) e prolongaram-se até 25 de maio, com as Cavalhadinhas. São, em sua maioria, cerimônias bastante ritualizadas, que “conversam entre si” em vários momentos dos festejos, oferecendo ao observador um largo e denso panorama da festa.

O Império do Divino é a grande referência da Festa do Espírito Santo. Abarca o Imperador e suas insígnias e dá forma e sacraliza um conjunto de eventos a ele relacionados, como, por exemplo, Benção da Coroa, alvoradas, novena e missas do Espírito Santo, Benção da Bandeira e hasteamento do mastro, sorteio e posse do novo Imperador, cortejos e procissões, fogueira, queima, roqueiras e fogos. O Império estrutura seus domínios principalmente através das Folias, das Cavalhadas e até do Reinado.

Celebrada 50 dias após a Páscoa, no Domingo de Pentecostes, a Festa comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, marcando o início da missão evangelizadora da Igreja Católica. Neste ano de 2008, as cerimônias litúrgicas ligadas especificamente ao Império iniciaram-se no Domingo de Páscoa, com a Bênção da Coroa; foram retomadas durante a Novena do Divino (2 a 10 de Maio), tiveram seu ápice no Domingo do Divino (Pentecostes) com o sorteio e a coroação do novo Imperador e se encerraram na quinta-feira de Corpus Christi (dia 22 de maio de 2008), quando houve a entrega definitiva da Coroa ao novo Imperador.

A Coroação do Imperador, ponto máximo dos festejos do Império, simboliza o momento em que ritualmente o Espírito Santo desce à terra e se personifica temporariamente na figura do Imperador. A Coroação do Imperador também é importante por se tratar do único momento dos festejos em que o Imperador e o Padre – frente à frente, diante do altar da Igreja Matriz e de toda a comunidade - estabelecem entre si uma verdadeira comunicação ritual, já que é o Padre quem abençoa e coroa o Imperador. Some-se a isso o fato de que, neste momento, se confirma a continuidade da Festa, visto que fica estabelecida a passagem de um ano Imperial para o outro. (Amaral, R., opus cit.).

Entre a Páscoa e a Novena, o Imperador realiza vários eventos na Casa Imperial, relacionados às Cavalhadas, às Folias e aos seus súditos em geral; além disso, frequenta as Farofadas, lutas refeições oferecidas por membros da comunidade aos cavaleiros. Entre o Domingo do Divino e a terceira-feira, o Imperador participa das Cavalhadas, ocupando um camarote de honra no Cavalhódromo. No terceiro dia, as carreiras rigorosamente ensaiadas pelos exércitos mouro e cristão dão lugar aos esperadíssimos “tira-cabeças” e jogos de argolinhas, onde as habilidades individuais de cada cavaleiro podem ser demonstradas; durante os jogos, o primeiro a ser homenageado foi o Imperador; a segunda argolinha foi oferecida ao Imperador do ano seguinte, recém-sorteado; a terceira, para a Banda Phoenix e a quarta para o prefeito da cidade. No dia seguinte ao término das Cavalhadas, quarta-feira, 14 de maio, o Imperador ofereceu um jantar a amigos e autoridades, em agradecimento ao apoio recebido.



SET-8616 – POMBA DO DIVINO
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

³ ALVES, A. C. L., *As ARTES DO DIVINO DE PIRENÓPOLIS – GOIÁS*, CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO, MINC/IPHAN, 2008.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01

O IMPERADOR

“E conjuntamente, no centro de quatro varas pintadas de encarnado, vinha o imperador, um menino de dez a onze anos, vestido de casaca de veludo verde e manto escarlate, calção, meias de seda, sapatos afivelados, com coroa e cetro, tendo ao peito o refulgente emblema do Espírito Santo”

(Moraes Filho, 1979:44)

O Imperador de 2008, Adão Rosa Pires, nascido em Pirenópolis, porém de família mineira, foi sorteado no dia 27 de maio de 2007, Domingo de Pentecostes, após a missa do Divino e recebeu a Coroa na quinta-feira de Corpus Christi (dia 7 de junho de 2007), dando início ao seu ano Imperial que se estendeu até Corpus Christi do ano seguinte, 28 de maio de 2008. (ver item 7.2 desta ficha). Foi o terceiro ano em que “colocou o nome na sorte” (participou do sorteio), incentivado por seus companheiros da Igreja, da qual participa dos Encontros de Casais. Antes de *ser escolhido pelo Divino para ser Imperador*, foi mordomo dos fogos nos festejos de 2006 e mordomo da fogueira em 2007. Os *mordomos* de 2008 (do mastro, da fogueira, da bandeira e dos fogos), foram sorteados no mesmo dia.

O Imperador é o principal responsável pela preparação e realização da Festa. Tradicionalmente, é ele quem arca com a maioria das despesas da Festa, embora conte com o auxílio de autoridades e de membros da comunidade local, já que seu poder emana exatamente de sua capacidade de “acumular para redistribuir”. É principalmente através dele – ou das insígnias do Império – que, na maioria das cerimônias que compõem a festa se prestam homenagens ao Espírito Santo, já que tem a honra de representá-lo durante o período em que dura o seu Império; é, portanto, objeto de todas as homenagens e deferências durante as comemorações.



SET-0754 – ADÃO ROSA PIRES, IMPERADOR
2008 E SUA ESPOSA, MARIA JOSÉ
FOTO: SAULO CRUZ, 2008



Embora as tensões entre a Igreja oficial e o catolicismo popular sejam constitutivas da festa, desde 1995 os párocos locais vêm interferindo diretamente no sorteio, selecionando previamente os candidatos, que devem, em primeiro lugar, ser *católicos praticantes*, mecanismo que introduz modificações importantes na trama de relações sociais que se estabelece entre a Igreja, o Imperador, o poder público e as famílias locais. (ver item 6 dessa ficha). Esta trama de relações, na qual a Igreja vem interferindo, ganha sentido se atentarmos para o fato que “as unidades sociais de participação são “famílias” e, não, indivíduos: famílias nucleares e famílias extensas, mais compadres, vizinhos, amigos (...)”. É na condição de chefe de uma família, de centro de uma rede de relações de parentesco que ele assume a direção da Festa” (Gonçalves, 2007:101, opus cit.). Algumas vezes, a interferência da Igreja coincide com o sorteio de um Imperador que responde às condições de prestígio social tradicional e

historicamente estabelecidas para este cargo; outras vezes, o Imperador sorteado *não transita bem* nessa rede de relações locais e não consegue se “comunicar” com a sociedade local. O resultado é a quebra de muitos mecanismos solidários que unem a comunidade e o Imperador, provocando o seu isolamento.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01



Adão Rosa Pires não reinou sozinho, contando com a ajuda de familiares e amigos. Entretanto, sua família não guarda relações de tradição com os festejos do Divino, fato que interferiu diretamente no seu prestígio como Imperador.

Entretanto, entre seus fiéis ajudantes destacaram-se seu cunhado, *Nô do Gera* (ex-cavaleiro), irmão de Dona Maria José Pires, esposa do Imperador; Vitinho e Dona Divina, fiéis devotos do Divino, também o auxiliaram em vários momentos dos festejos. Pompeu Christovam de Pina, delegado regional de cultura, Irmão do Santíssimo⁴ e um dos maiores “arquitetos da festa”, também orientou o Imperador.

As famílias não são apenas o principal esquema de introdução e movimentação

dos indivíduos nos diferentes cargos e papéis que fazem a festa; descender de família reconhecida como tradicionalmente envolvida com os festejos aumenta o prestígio do participante diante da comunidade, ao mesmo tempo em que potencializa o empenho e a devoção do próprio Imperador, que refaz e atualiza no presente a trama das relações simbólicas e históricas de sua família com os festejos do Divino e com as tradições culturais locais.

Assim que é sorteado, o Imperador, seus parentes e seus colaboradores se empenham no preparo dos festejos do ano seguinte.

Há famílias, por exemplo, tradicionalmente envolvidas com o Levantamento do Mastro, com a reforma de Bandeiras, com a montagem de altares, com a preparação de doces, de máscaras ou de vestimentas para a festa. Os preparativos praticamente não se interrompem e envolvem toda a comunidade que, durante o ano todo, produz bens materiais e simbólicos que circularão como dádivas durante os festejos do Divino. (Mauss, 1974, opus cit.)

⁴ ATÉ O INÍCIO DO SÉCULO XX, A IRMANDADE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO ATUAVA INTENSAMENTE NA ORGANIZAÇÃO DA FESTA DO DIVINO DE PIRENÓPOLIS – INCLUSIVE NA INDICAÇÃO DO IMPERADOR, JÁ QUE CONGREGAVA MEMBROS PERTENCENTES AOS MAIS IMPORTANTES GRUPOS FAMILIARES LOCAIS. ATUALMENTE, SUA COMPOSIÇÃO É MAIS ESTRATIFICADA E SUA ATUAÇÃO NOS FESTEJOS, MAIS RESTRINGIDA ÀS CERIMÔNIAS RELIGIOSAS REALIZADAS NO INTERIOR DA IGREJA, COMO A NOVENA E MISSAS DO DIVINO, SORTEIO E CERIMÔNIA DE LEVANTAMENTO DO MASTRO.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01

O ANO IMPERIAL E O LUGAR DA COROA

“A coroa e o cetro são os símbolos mais importantes da festa, carregadas pelo Festeiro que ostenta o título de Imperador do Divino. A bandeira da coroa é confeccionada em vermelho vivo, de forma quadrangular, sobre o centro da qual é bordada em relevo uma pomba branca da qual irradiam para baixo raios de luz em branco e fio de prata. A bandeira acompanha a coroa e está sempre presente nas cerimônias litúrgicas.” Catálogo da Novena do Espírito Santo, Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Pirenópolis, 2008:

O Império não se restringe ao período de festejos propriamente dito, visto que o Imperador de um ano é sorteado no Domingo do Divino do ano anterior e inicia seu ano Imperial assim que recebe definitivamente a Coroa do Imperador anterior. O ano imperial de Adão Rosa Pires estendeu-se da quinta-feira de Corpus Christi em 2007 – dia 7 de junho – até o Corpus Christi do ano seguinte, 28 de maio de 2008. (ver item 7.2 desta ficha)

Até a véspera do Domingo de Páscoa, a residência de Adão Rosa Pires sediou o Império, entronizando a Coroa em um altar especialmente preparado para a ocasião, ladeado por outras insígnias do Divino e pelos santos de devoção da família. A partir do Domingo de Páscoa, a Casa Imperial foi transferida para outro local, próximo ao Largo da Matriz, e lá permaneceu até o término do seu ano Imperial. Neste n
outro na área externa
(ver ficha de identificação – Lugares – Casa do Imperador)



SET-6025 – ALTAR DA COROA NA FAZENDA CALÇADAS, RESIDÊNCIA DO IMPERADOR. FOTO: SAULO CRUZ, 2008

principal da casa, com janela para a rua e variavelmente recebeu seus convidados.

Como é de costume, durante o ano Imperial, a Coroa permaneceu aberta à visitação e o Imperador teve a liberdade de promover rezas, terços ou outros eventos e cerimônias na Casa Imperial. Neste ano, por exemplo, Dona Maria José, esposa do Imperador - muito religiosa e para quem “o Divino é tudo”⁵, promoveu terços diários diante do altar da Coroa.



SET-4162 – ALTAR DURANTE O TERÇO DOS CAVALEIROS
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

Durante esse período, a Coroa não circulou por outros lugares, exceto durante os 24 Terços dos Cavaleiros, que se seguem a um primeiro, realizado na Casa do Imperador. De 11 de janeiro a 7 de abril de 2008, o Imperador, sua esposa e principais colaboradores acompanharam a Coroa duas vezes por semana (às segundas e sextas-feiras), sempre às 20 horas, às casas dos Cavaleiros.

Os terços foram realizados na seguinte ordem: primeiro, na casa do rei cristão, em seguida, na casa do rei mouro; depois, na casa do embaixador cristão e, em seguida, na casa do embaixador mouro – e assim por diante, seguindo a hierarquia própria dos dois exércitos que encenam as Cavalhadas.

Os terços cantados, que têm o objetivo de “fortalecer a união entre os cavaleiros e pedir proteção durante as Cavalhadas”, foram excepcionalmente puxados pela Imperatriz⁶ e por um conjunto de músicos (basicamente viola, violão e maraca) tradicionalmente comprometidos com os festejos do Divino.

⁵ CF. CADERNO DE CAMPO DO PESQUISADOR. MARIA JOSÉ PIRES, FAZENDA CALÇADAS, FEVEREIRO DE 2008.

⁶ OS TERÇOS DOS CAVALEIROS SÃO TRADICIONALMENTE MASCULINOS; ENQUANTO SÃO REALIZADOS, AS MULHERES DA CASA E OUTRAS CONVIDADAS PERMANECEM CIRCULANDO PELOS CÔMODOS VIZINHOS, ACOMPANHANDO O TERÇO MAIS À DISTÂNCIA, ENQUANTO PREPARAM OS “COMES E BEBES” QUE SERÃO SERVIDOS EM SEGUIDA.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01**

A Coroa também pode circular entre as Farofadas, lautas refeições servidas de madrugada e à noite aos Cavaleiros enquanto duraram os ensaios das Cavalhadas (neste ano, de 24 de abril a 7 de maio). (ver ficha de identificação – *Formas de Expressão – Cavalhadas*). Nestes casos, normalmente o Imperador atendeu a um pedido do dono da casa.

RESTARQ-0003-LT-F20-01 - ALTAR DA COROA, DURANTE FAROFADA NA POUSADA MANDALA

FOTO: LEILIANE TRINDADE, 2008



SET-0603 – ALTAR NA ÁREA EXTERNA DA CASA DO IMPERADOR FOTO: SAULO CRUZ, 2008



RESTARQ-0004-VA-F20-01 – ALTAR EM UM DOS CÔMODOS DA CASA DO IMPERADOR, NA CIDADE. FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01**

Os circuitos de “peditórios”, realizados a pé, pelas ruas da cidade são outra exceção: no período que vai da véspera do Domingo de Páscoa até o Domingo de Pentecostes, devotos podem circular com a Coroa, pagando promessas e recolhendo donativos para o Imperador.

Durante a Novena do Divino, neste ano realizada do dia ao dia 9 de maio de 2008, a Coroa e o cetro entraram na Igreja pelas mãos do Imperador e sua esposa e, durante cerimônia, ficaram depositadas em uma pequena mesa colocada ao lado do trono imperial, que foi montado do lado esquerdo do altar-mor da Igreja Matriz.



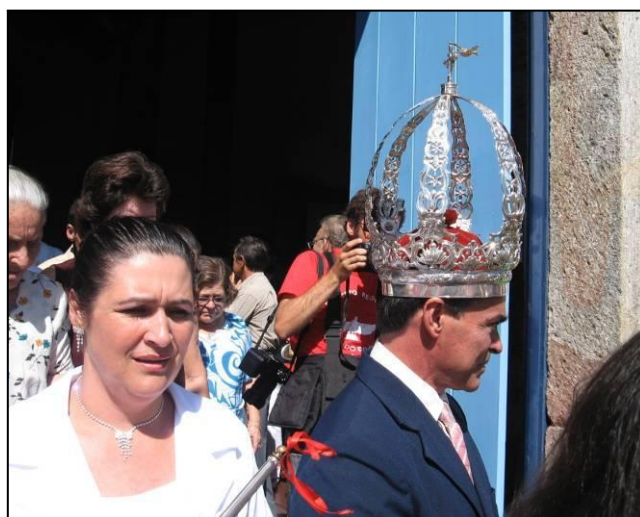
SET-5581 - O IMPERADOR COM A COROA, NA NOVENA DO DIVINO
FOTO: SAULO CRUZ, 2008



SET-0506 – “PEDITÓRIO” PARA PAGAMENTO DE PROMESSAS, NA VÉSPERA DO DOMINGO DE PÁSCOA



RESTARQ-0005-VA-F20-01 - ENTRADA DO IMPERADOR NA MISSA DE PENTECOSTES, NO DOMINGO DO DIVINO
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008



RESTARQ-0006-VA-F20-01 – SAÍDA DO IMPERADOR DA MATRIZ, APÓS O SORTEIO DO NOVO IMPERADOR.
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01**

RESTARQ-0007-VA-F20-01 – A COROA DO DIVINO JÁ ENTRONIZADA NA
CASA DO IMPERADOR DE 2009.
FOTOS: VANDERLEI ALCANTARA, 2008.

Ainda no Domingo de Pentecostes, à noite, houve a cerimônia de posse do novo Imperador; entretanto, a Coroa ainda permaneceu com o Festeiro, Adão Rosa Pires, até a quinta-feira de Corpus Christi, quando há a cerimônia de entrega definitiva da Coroa ao novo Imperador. Neste dia, Adão Rosa Pires carregou a Coroa durante o trajeto de sua casa até a lateral direita da Igreja Matriz. Neste local, a Coroa foi entregue ao novo Imperador. Este, por sua vez, portando a Coroa, dirigiu-se em cortejo até sua residência e a entronizou no altar já preparado para recebê-la.

DOMINGO DE PÁSCOA: A BENÇÃO DA COROA E A ASSINATURA DO TERMO DE COMPROMISSO DAS CAVALHADAS

“Do ponto de vista dos devotos, a coroa, a bandeira, as comidas, os objetos, são, de certo modo, manifestações do próprio espírito santo. Do ponto de vista dos padres, são apenas “símbolos”, no sentido em que são matéria e não se confundem com o espírito”. (Santos, J. R. G., 2007).



SET-0492 – CHICO PEDRUCÁ, NA
VÉSPERA DO DOMINGO DE PÁSCOA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

O primeiro evento público da Festa é a Benção da Coroa, realizada no Domingo de Páscoa, na Igreja Matriz, em cerimônia conduzida pelo pároco local. Tradicionalmente, ao meio-dia, há repique de sinos na Matriz e Tocata com a Banda Phoenix, parceira constante dos festejos e cortejos do Império. Banda, Imperador e Coroa encontram-se na entrada lateral direita da Igreja, antes que as insígnias sigam para o altar para receber a benção.

Neste ano de 2008, a Coroa foi levada à Igreja por Chico Pedruca - cavaleiro cristão e devoto do Divino, que, pela manhã, havia percorrido várias ruas da cidade, em busca de donativos para o Imperador. Chico Pedruca colocou a Coroa no altar; Dona Divina colocou dentro dela o saquinho de esmolas e a Bandeira do Divino ao pé do altar. Entretanto, a cerimônia não ocorreu do modo habitual e a Coroa não recebeu a bênção: foi marcada para o mesmo dia e mesma hora outra cerimônia no interior da Igreja, em agradecimento aos 63 novos bancos doados à Matriz pelo Sr. Duílio Pompeu de Pina, ex-Imperador.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES
GO 01 00 08 F20 01

A Banda Phoenix, ao invés de realizar a costumeira Tocata do lado de fora da Igreja, posicionou-se dentro da nave e executou um repertório geral de músicas relativas à Festa do Divino do Espírito Santo. Enquanto isso, o homenageado recebia, uma a uma, 63 rosas de várias cores, além de pequenos discursos e cumprimentos. O pároco chegou à paisana durante a homenagem, porém não se dirigiu ao altar para a Benção da Coroa, alegando que não havia sido informado sobre a cerimônia. Este – e alguns outros episódios relatados no decorrer desta ficha – exemplificam as delicadas relações entre a Igreja oficial e catolicismo popular, que marcam estes festejos.⁷



SET-5400 – CASA DO IMPERADOR, NO DOMINGO DE PÁSCOA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



SET-5456 – ASSINATURA DO TERMO DE COMPROMISSO DAS CAVALHADAS, NA CASA DO IMPERADOR. FOTO: SAULO CRUZ, 2008

Formas de Expressão – Cavalhadas). Após um churrasco, os cavaleiros se retiraram e o Imperador e sua esposa prepararam-se para descer até a Matriz, para a Procissão da Coroa, marcada para as 18 horas.

Após a frustrada cerimônia da Benção da Coroa, o Imperador e sua esposa, sem qualquer cortejo, recolheram a Coroa e a Bandeira do Divino do altar-mor da Matriz e voltaram à Casa do Imperador, onde as insígnias foram entronizadas. Dona Maria José, mais uma vez, “puxou” o terço, junto com os presentes.

Durante à tarde, pelas mãos dos mesmos Vitinho e Dona Divina, a Coroa, a Bandeira e o saquinho vermelho para a coleta de esmolas circularam novamente pela cidade, em busca de donativos para o Imperador.

Enquanto isso, durante a tarde, na Casa do Imperador, houve a assinatura do Termo de Compromisso das Cavalhadas, com a presença dos membros da Associação dos Cavaleiros, ativa desde 2004.

Em uma longa mesa montada ao lado do altar externo da Casa do Imperador, sentaram-se os cavaleiros cristãos à direita e os mouros, à esquerda, com formação hierárquica: primeiro os reis, depois os embaixadores e soldados. Na cabeceira, ao lado dos reis, o Imperador, sua esposa, Pompeu Christovam de Pina e o prefeito municipal, Rogério Figueiredo; na ponta oposta, outras autoridades.

Para os cavaleiros, este é um momento de suma importância, pois *“a festa é o ano inteiro, mas o pontapé inicial mesmo é o Domingo da Ressurreição”*, onde surgem novas vagas ou *trocas de castelo*, isto é, quando um cavaleiro muda do exército cristão para o mouro, ou vice-versa. (*entrevista com Adail Luís Cardoso, rei cristão*)

Nessa cerimônia, foram votadas, registradas e assinadas substituições de cavaleiros e outras medidas referentes às Cavalhadas de 2008, além de reiterado o compromisso de cumprir com o Código de Honra dos Cavaleiros. (*ver ficha de identificação –*

⁷ NO CASO DE PIRENÓPOLIS, ESTA TENSÃO, EMBORA CONSTITUTIVA DA FESTA, TOMOU FORMA, NOS ÚLTIMOS ANOS, PRINCIPALMENTE NA CRIAÇÃO DE UMA NOVA FOLIA (A FOLIA DO PADRE) E NA INTERFERÊNCIA NO SORTEIO DO IMPERADOR. CONSULTAR O ITEM CRONOLOGIA, DESTA FICHA.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01



RESTARQ-0008-JGC-F20-01 e RESTARQ-0009-JGC-F20-01 - À ESQUERDA, VITINHO E DONA DIVINA ABREM O CORTEJO DO DOMINGO DE PÁSCOA; À DIREITA, A BANDA PHOENIX AGUARDA O LANCHE, NA CASA DO IMPERADOR.
FOTOS: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008

Dona Divina e Vitinho, de volta do giro pela cidade com a Coroa, encontraram-se com o Imperador Adão Rosa Pires e sua esposa, Maria José, na porta lateral direita da Igreja e aguardaram a chegada da Banda Phoenix, que veio pela Rua Direita, em direção à Matriz. Formou-se um cortejo aberto por Dona Divina carregando a Bandeira do Divino e Vitinho carregando a coroa, seguidos pelo Imperador e sua esposa, pela Banda Phoenix e demais participantes. O cortejo subiu a Avenida Comendador Joaquim Alves e entrou à esquerda na Avenida Sizenando Jayme, em direção à casa do Imperador. Várias pessoas foram se juntando ao cortejo durante o trajeto. (*consultar ficha do INRC GO 01 00 08 F50 01- Lugares- Largo da Matriz*). Às 19 horas, o Imperador ofereceu um lanche aos presentes; a Banda Phoenix, um dos grandes protagonistas das comemorações relativas ao Império do Divino, foi servida em primeiro lugar.

DE 27 DE ABRIL A 7 DE MAIO: O IMPERADOR E OS ENSAIOS DAS CAVALHADAS

De 27 de abril a 7 de Maio, durante os Ensaio das Cavalhadas, o Imperador recebeu diariamente os cavaleiros mouros e cristãos na Casa Imperial. São dois ensaios diários, que têm o objetivo de *“ensaiar os cavalos, que podem se assustar no campo, principalmente com os tiros proferidos pelos cavaleiros”*. Manter a ordem e a beleza das carreiras também é resultado de bons ensaios. Os cavaleiros também se beneficiam dos ensaios para *judiar o corpo*, isto é, acostamá-lo com os longos períodos em que permanecerão montados e em cena, durante as Cavalhadas. (*entrevista com Adail Luís Cardoso, rei cristão*)

Durante este período, os cavaleiros acordaram em torno das quatro horas da manhã, dirigindo-se para a Casa do Imperador ou para alguma Farofada.⁸



SET-3117 – ENSAIOS DOS CAVALEIROS
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

⁸ CONFORME ENTREVISTA COM ADAIL LUIS CARDOSO, REI CRISTÃO, OPUS CIT.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01**

SET-3188 – FAROFADA NA CASA DE THALES JAYME
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

Todas as Farofadas são precedidas e encerradas por orações e agradecimentos, cantórios e catiras. Quando não há Farofada da madrugada, os cavaleiros vão para a Casa do Imperador, que lhes oferece café com biscoitos. Em seguida, os cavaleiros vão para o Campo dos Ensaios, na Beira-Rio, e os ensaios terminam entre oito e nove horas da manhã. Os ensaios se repetem à tarde, em torno das quatorze ou quinze horas; quando terminam, os cavaleiros dirigem-se à Casa do Imperador, para prestar homenagens à Coroa. Para o Imperador de 2008, as farofadas da manhã “*ajudam o Imperador*”, enquanto às da noite “*não fazem diferença, pois não são de sua obrigação*”.

As Farofadas, por sua vez, foram oferecidas por autoridades locais e membros da comunidade profundamente envolvidos, há gerações, com os festejos do Divino. Da mesma forma que em outras comemorações da Festa que envolva a distribuição de alimentos, há rezas e cantórios agradecendo a mesa antes e depois das refeições e, normalmente, há a apresentação de catira⁹.

Embora obedeçam à mesma estrutura ritual, cada Farofada é uma festa única, dependendo de quem promove e de quem participa. São, em geral, encontros alegres e concorridos, abertos a quem quer que a eles compareça. (*consultar Ficha do INRC GO 01 00 08 F40 02 – Cavalhadas*).

DIA 7 DE MAIO: A CERIMÔNIA DA ENTREGA DAS LANÇAS AO IMPERADOR

ENTREGA DAS LANÇAS – TRAJETO DO CAMPO DE ENSAIOS À CASA DO IMPERADOR.
JA E LEILIANE TRINDADE, 2008

⁹ AS FOLIAS APRESENTAM RITUAIS SEMELHANTES À HORA DAS REFEIÇÕES, EMBORA MAIS REBUSCADOS. CONSULTAR *FICHA DE IDENTIFICAÇÃO – CELEBRAÇÕES – FOLIAS*.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES
GO 01 00 08 F20 01

No último dia dos Ensaios, 7 de maio, no período da tarde, houve a Cerimônia de Entrega das Lanças, na Casa do Imperador. Neste ano, o cortejo de entrega saiu do Campo de Ensaio a cavalo (Beira-Rio), subiu a Rua dos Pireneus até o Largo do Coreto, entrou na Rua Aurora até o Largo da Igreja do Bonfim, onde os cavaleiros fizeram uma oração. Em seguida, o cortejo - acompanhado pelo Prefeito municipal, também a cavalo -, desceu a Rua do Bonfim, subiu a Rua Frei Primo Carrara, passou diante da Matriz, virou à esquerda na Avenida Comendador Joaquim Alves e à direita na Rua Direita até o córrego Lavapés; voltou pela mesma Rua Direita, virou à esquerda na Travessa Santa Cruz, à esquerda, novamente, entrando na Rua Nova e à direita na Rua Benjamin Constant, subindo até a Escola Comendador Cristóvam de Oliveira. Neste ponto, fizeram o retorno, descendo até a Avenida Sizenando Jayme, onde entraram à direita, em direção à casa do Imperador. (consultar ficha do INRC G0-01-00-08-F40-02 – Cavalhadas)

Nesta cerimônia, realizada na porta da Casa do Imperador, os cavaleiros entregam ao Festeiro as varas de madeiras que utilizaram nos ensaios. A entrega é individual e obedece à hierarquia dos exércitos, começando pelos reis cristão e mouro, embaixadores cristão e mouro e demais cavaleiros. Após a entrega, cada cavaleiro dirige-se para o interior da casa e, antes dos comes e bebes, presta sua homenagem à Coroa, beijando-a e rezando diante do altar.

As varas recolhidas são colocadas no altar da Coroa (interno) e lá permanecem até o final das Cavalhadas. Trata-se de um momento simbólico importante, onde os cavaleiros confirmam a supremacia do Império e sua devoção ao Espírito Santo, informando ao Imperador que estão prontos para as batalhas. É o Império – através da figura do Imperador – que investe de legitimidade as batalhas entre mouros e cristãos que terão início no Domingo de Pentecostes. As Cavalhadas, consideradas por muitos o símbolo máximo da Festa, são vistas pelos próprios cavaleiros como subordinadas ao Império: em depoimento à equipe, Toninho da Babilônia, rei mouro, confirmou mais de uma vez que “as Cavalhadas servem ao Imperador”. (consultar ficha do INRC G0-01-00-08-F40-02 – Cavalhadas)

Neste ano, após a cerimônia, os cavaleiros realizaram uma animadíssima catira, para a qual foi convidado um grupo de Souzaânia. Mozart, e a dupla Sílvio e David - exímios músicos locais e parceiros constantes dos cavaleiros - animaram a catira e executaram o repertório musical preferido do grupo, com músicas como *Babilônia*, *Canção de Pirenópolis* e outros hits locais.



RESTARQ-0012-VA-F20-01- CAVALEIROS E GRUPO DE SOUZÂNIA
ALINHANDO-SE PARA A CATIRA, NA CASA DO IMPERADOR.
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008



RESTARQ-0013-VA-F20-01 – REFEIÇÃO NA CASA DO IMPERADOR.
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01**

A tarde foi regada à cerveja, churrasco e outros comes e bebes. Mais tarde, os cavaleiros dirigiram-se à Igreja Matriz e ocuparam lugares de honra no altar-mor para participar do 7º. dia da Novena e da Missa dos Cavaleiros.



RESTARQ-0014-VA-F20-01 –
ARISTÓFANES POMPEU DE PINA,
CAVALEIRO MOURO, NA MISSA DOS
CAVALEIROS
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA,
2008



RESTARQ-0015-VA-F20-01 – ADAIL, VANDÃO E FÁBIO, REI E CAVALEIROS CRISTÃOS NA MISSA DOS
CAVALEIROS
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008

DE 2 A 9 DE MAIO: O IMPERADOR E A NOVENA DO ESPÍRITO SANTO

De 2 a 9 de maio, o Imperador participou da Novena do Espírito Santo e missas na Igreja Matriz, sempre às 18 horas. Durante a Novena, o Imperador e sua esposa dirigiram-se à Igreja sem cortejo. Entretanto, todos os dias entraram na Igreja em cortejo, atrás dos ministros, coroinhas e dos Irmãos do Santíssimo Sacramento, ocupando lugar de honra ao lado esquerdo do altar-mor. Na maioria das vezes, o pároco participou do cortejo, ocupando posição atrás do Imperador. Um trono foi preparado para o casal imperial, decorado com toldo e fundo vermelho, acompanhado de uma pequena mesa para o descanso da Coroa durante a celebração.

A Novena inicia-se 40 dias após a Páscoa e termina no Sábado do Divino (véspera do Domingo de Pentecostes). A Coroa e o cetro entram na Igreja levados nas mãos do Imperador e de sua esposa, que permanecem em silêncio e em atitude de respeito durante toda a cerimônia.

Neste ano, as celebrações foram realizadas por dois padres, Padre Oscar e Padre Joel, cada qual tratando o Imperador e a Festa do Divino de forma diferente. O primeiro esforçou-se em conduzir a celebração em torno de *Pentecostes*, procurando retraduzir liturgicamente o sentido dos festejos. O Padre Joel, por sua vez, referiu-se de modo mais direto à Festa do Divino, reconhecendo e legitimando a religiosidade do público assistente.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01



SET-3590 e RESTARQ-0016-VA-F20-01 - FORMAÇÃO DO CORTEJO DURANTE A NOVENA DO DIVINO E TRONO DO IMPERADOR
FOTOS: SAULO CRUZ, À ESQUERDA E VANDERLEI ALCANTARA, À DIREITA, 2008



RESTARQ-0017-LT-F20-01- BANDEIRAS DO REINADO NO ALTAR DA IGREJA
MATRIZ, NO TERCEIRO DIA DA NOVENA
FOTO: LEILIANE TRINDADE, 2008

Entretanto, nem sempre os padres acompanharam a Novena ou realizaram a missa que acontecia em seguida. Da mesma forma, nem sempre participaram do cortejo de entrada do Imperador, evitando, talvez, a repetição de uma sequência ritual que pudesse fortalecer os aspectos *“mais profanos”* dos festejos do Divino: como vimos, *‘do ponto de vista dos padres, (Coroa, Imperador e demais insígnias) são apenas “símbolos”, no sentido em que são matéria e não se confundem com o espírito”*. (Santos, 2007, opus cit.). Para nós, o público,

era sempre uma surpresa a forma em que os rituais da missa e da novena se desenvolveriam a cada dia.

No terceiro dia da Novena, durante a missa, Império e Reinado se encontraram no altar da Igreja Matriz, quando as singelas Bandeiras do Reinado (São Benedito e Nossa Senhora do Rosário) foram abençoadas pelo padre, na presença do Imperador.

No Sábado do Divino, último dia da Novena, a Bandeira do Mastro foi abençoada durante a missa para, em seguida, ser conduzida ao Largo, diante da Matriz, para a emocionante cerimônia de hasteamento do mastro e queima das fogueiras.

A Novena e as missas são belas cerimônias abertas e fechadas por fogos e tiros de toco.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01**

SET-5475 – BANDEIRA DO MASTRO, NO SÁBADO DO DIVINO
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008

São acompanhadas pela orquestra e Coral Nossa Senhora do Rosário, com direção do maestro e tenor Alexandre Pompêo de Pina e acompanhada por alguns músicos da Banda Phoenix e pelos tradicionais violinos de Dona Ita e Seu Alaor¹⁰, apresentando belíssimos cânticos em latim: *Veni Creator*, *Salutaris Hóstia* (composto por Santo Tomás de Aquino), *Ladainha de Nossa Senhora*, *Tantum Ergo* e *Kyrie* (em grego). Em seguida, é executado o comovente *Hino do Divino*, composto por Tonico do Padre, que, acompanhado por fogos e tiros de toco, anuncia o final da novena e o início da missa. A missa, por sua vez, é aberta mais uma vez com o *Veni Creator*; seguido pelo *Dirigatur*, *Kyrie*, *Gloria in Celis*, *Creator*, *Ladainha de Nossa Senhora* e, no encerramento, novamente o *Hino do Divino*. São cerimônias calorosas, acompanhadas com emoção pelo público que canta, de cor, todo o repertório. (ver item 8.9 desta ficha)



Todos os dias, os tiros de toco anunciaram a passagem da Novena para a Missa, no exato momento em que se toca o primeiro *Hino do Divino*. Ao final da missa, formou-se, quase todos os dias, cortejo semelhante ao da entrada, ou seja: ministros, coroinhas, Irmandade do Santíssimo, Imperador e sua esposa e, finalmente, o padre (quando presente). Na saída, a Banda de Couro (caixas, tocadas por crianças e sax) recebeu diariamente o Imperador e o seu cortejo, ao lado direito da entrada principal da Matriz. Nestes momentos, muitos devotos procuraram o Imperador para beijar a Coroa. Em seguida, o Imperador e sua esposa seguiam sem cortejo para a Casa Imperial.

¹⁰ DONA ITA (BENEDITA LOPES DE SIQUEIRA) E SEU ALAOR DE SIQUEIRA SÃO MÚSICOS E COMPOSITORES E GRANDES INCENTIVADORES DA CULTURA LOCAL. CONSULTAR, ENTRE OUTROS, MENDONÇA, 1981, EDITORA DA UFG, GOIÂNIA.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01



SET-9911 – OS TIROS DE TOCO ANUNCIAM O INÍCIO DA MISSA, DURANTE A NOVENA DO DIVINO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008



RESTARQ-0018-VA-F20-01 – BANDA DE COURO, NOS DIAS DA NOVENA
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008



RESTARQ-0019-MMS-F20-01 – A CONCORRIDA BARRACA DO PADRE, QUE FUNCIONA NOS DIAS DA NOVENA.
FOTO: MARINA DE MACEDO SOARES, 2008



SET-6712 – LUIZ DO LORO, FOGUETEIRO NAS FESTAS DO DIVINO
FOTO: CRISTOPHESCIANNI, 2008

GDIA 4 DE MAIO: O IMPERADOR RECEBE AS FOLIAS DA ROÇA E DA CIDADE



onde o lanche estava servido.

No terceiro dia da Novena, este ano, dia 4 de maio, o Imperador recebeu a chegada das Folias da Cidade e da Roça, na Casa Imperial. As Folias são rituais antiqüíssimos de Peditório de Esmolas para ajudar o Imperador. Em seus “giros”, ao mesmo tempo em que se investem da missão de pregar a devoção ao Divino, expandem os domínios territoriais e sagrados do Império.

A Folia da Rua foi a primeira a chegar, em torno do meio-dia. Entretanto, houveram desentendimentos entre os foliões e o Imperador, visto que a Folia visitou a residência de um político local antes de se dirigir para a Casa Imperial, quebrando o protocolo da chegada.

A cerimônia de entrega dos donativos foi realizada, porém os foliões deixaram a casa após rezarem o Pai-Nosso em torno da grande mesa de refeições

A Folia da Roça, com seus 320 cavaleiros, chegou à Casa do Imperador à tarde, após sua apoteótica e esperadíssima entrada na cidade. O ritual de chegada foi cumprido com rezas e agradecimentos diante do altar da Coroa, entretanto o Imperador alegou que somente recebeu os donativos pelas mãos de um dos alferes no dia seguinte.

Antes do lanche oferecido aos foliões, aconteceram os agradecimentos de mesa, série de rezas solenemente cantadas em volta dos alimentos que estavam à espera dos foliões, semelhantes aos agradecimentos minuciosamente repetidos nos pousos da Folia.

O Imperador também ofereceu lanche aos participantes da Folia do Padre no dia 24 de abril, porém no Salão Paroquial, visto que esta Folia não “serve” ao Imperador: os donativos recolhidos são entregues ao pároco local. Fica aqui registrada a pergunta do Imperador: *“Por que a Folia do Padre entrega os donativos à Igreja? Não é função da Folia recolher donativos para o Imperador?”*¹¹ (consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F20-02 - *Folias do Espírito Santo*).



SET-7161 - IMPERADOR E SUA ESPOSA RECEBEM A FOLIA DA ROÇA
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

¹¹ CONFORME BILHETE ESCRITO À MÃO PELO IMPERADOR, ENTREGUE A LUIZ PEREIRA DA SILVA, MINISTRO DA IGREJA, EX-IMPERADOR E COORDENADOR DA FOLIA DO PADRE, DURANTE ENTREVISTA REALIZADA COM A EQUIPE.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01

DIA 9 DE MAIO - ALMOÇO PARA O PADRE NA CASA DO IMPERADOR

No dia 9 de maio, o Padre Oscar Vasconcelos – acompanhado de Selma D'Abadia Oliveira, Coordenadora da Pastoral Litúrgica, membro do Conselho Pastoral Paroquial e diretora do Pólo Universitário da UEG de Pirenópolis - almoçou na Casa do Imperador, sem a presença de outros visitantes além da família do Festeiro e de membros desta equipe de pesquisa.

O Padre fez uma oração diante do altar da Coroa, visitou a cozinha e acompanhou o acondicionamento das verônicas que seriam distribuídas no Domingo do Divino.

Diante de uma lista dos nomes que “tinham sido colocados na sorte” para os encargos da Festa do Divino de 2009, o Padre defendeu a idéia de realizar uma seleção prévia dos candidatos, visto a necessidade do Imperador, entre outros critérios, ser casado e católico praticante. O sorteio foi realizado dois dias depois, após a missa do Domingo de Pentecostes.



RESTARQ-0020-VA-F20-01 – ALMOÇO PARA O PADRE OSCAR DE VASCONCELOS, NA CASA DO IMPERADOR

FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008

DIA 10 DE MAIO DE 2008, SÁBADO DO DIVINO – PROCISSÃO E BENÇÃO À BANDEIRA, LEVANTAMENTO DO MASTRO E QUEIMA



RESTARQ-0021-VA-F20-01 – BANDA DE COURO NA ALVORADA DO SÁBADO DO DIVINO

FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008

No Sábado do Divino, último dia da Novena, depois que as roqueiras e fogos e a comovente Banda de Couro abriram o dia às quatro horas da manhã, a Banda Phoenix saiu de sua sede, na Rua Nova e circulou pelas ruas da cidade em direção à Casa do Imperador, onde foi recebida a portas fechadas para o café da manhã. Este ano, a animada multidão que seguiu a Banda não abandonou os portões da Casa do Imperador enquanto eles não foram abertos. Este gesto não agradou ao maestro da Banda, Alexandre de Pina, pois cabe ao Imperador oferecer lanches ou cafés da manhã exclusivos aos componentes da Banda, sempre que esta chega à Casa Imperial. Em contrapartida, a pedido do maestro, no dia seguinte, o Imperador mandou servir o café da manhã aos músicos na sede da Banda.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01

O Sábado do Divino marca o início dos festejos *mais profanos* da Festa¹², com Tocata da Banda Phoenix na lateral direita da Matriz ao meio-dia, seguida da apresentação de grupos de dança e música em frente ao Largo (Banda de Couro, Congada, Congo e Pastorinhas) e saída às ruas dos Mascarados, montados a cavalo. Onças, capetas e outros personagens, a pé ou a cavalo, são, a partir desse momento, presença constante nos Festejos, seja no Campo das Cavalhadas para conformar o par épico-burlesco que desempenham com os Cavaleiros, seja em seus permanentes desfiles pelas ruas da cidade. A partir de agora, passando por Corpus-Christi e estendendo-se até a finalização das Cavalhadinhas (em 2008, dia 25 de maio), os guizos de seus cavalos e sua voz de falsete farão parte da trilha sonora da Festa. (consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F40-03 – Mascarados)



RESTARQ-0022-MMS-F20-01 – CAFÉ PARA A BANDA PHOENIX, NA CASA DO IMPERADOR
FOTO: MARINA DE MACEDO SOARES, 2008



SET-6793 – DANÇA DO CONGO NO SÁBADO DO DIVINO
FOTO: SAULO CRUZ, 2008



SET-6881-2 – MASCARADOS NO SÁBADO DO DIVINO
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008

¹² A DIVISÃO ENTRE “SAGRADO” E “PROFANO”, MUITO UTILIZADA NOS ESTUDOS SOBRE AS FESTAS CATÓLICAS POPULARES, NÃO ATENDE AOS CRITÉRIOS DESTA PESQUISA. NESTE TRABALHO, ESTAMOS CONSIDERANDO SAGRADO E PROFANO COMO CATEGORIAS QUE “SE COMUNICAM”, ISTO É: NESTES FESTEJOS, NADA É INTEIRAMENTE PROFANO, VISTO QUE, PARA A COMUNIDADE QUE FESTEJA, A MAIORIA DESTES SÍMBOLOS E CERIMÔNIAS É OBJETO DE FÉ E DEVOÇÃO.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01**

SET-2676 – CONGADA, NO LARGO DA MATRIZ
FOTO: MAURICIO PINHEIRO, 2008

Em torno das seis horas da tarde, teve início a Procissão da Bandeira, a primeira grande procissão da Festa e a única que não tem como origem nem como destino final a Casa do Imperador.

Iniciando-se na casa do Mordomo da Bandeira, a procissão, acompanhada pela Banda Phoenix, segue até à Igreja Matriz para a Benção da Bandeira. A Bandeira permanece no altar durante a cerimônia e é abençoada pelo Padre após a missa que se segue à Novena.

Entretanto, não se trata de qualquer bandeira: é a Bandeira do Divino que será usada em seguida na cerimônia de Levantamento do Mastro, em frente à Igreja Matriz, um dos momentos mais comoventes da Festa. De um lado, a Bandeira ostenta o símbolo do Divino: a pomba do Espírito Santo; do outro, o símbolo do Império: a Coroa do Imperador.



RESTARQ-0023-VA-F20-01 – PADRE OSCAR ABENÇO A BANDEIRA DO MASTRO, AO FINAL DA MISSA DO SÁBADO DO DIVINO.
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01**

Após a missa, a Bandeira foi levada pelos Irmãos do Santíssimo até porta principal da Igreja, na frente do Largo.

É o próprio imperador quem prende a Bandeira na ponta do Mastro, decorado com duas espirais intercaladas, uma branca e uma vermelha, as cores do Espírito Santo.

A cerimônia foi conduzida pelo mordomo do mastro: o mastro vai sendo paulatinamente levantado por varas compridas abertas em forquilha até ser inserido em um buraco fundo, aberto na lateral direita do Largo, especialmente para a ocasião. O mastro, feito de um tronco de eucalipto, pertence à Igreja e tem cerca de 23m de altura.

Uma multidão atenta acompanhou passo a passo o Levantamento do Mastro e o belo espetáculo da Bandeira finalmente tremulando na ponta do mastro. Reza a tradição que a casa do novo Imperador, que será sorteado na manhã seguinte, fica para o lado onde a Bandeira aponta neste momento.



SET-5561 – FOGUEIRA À ESQUERDA DO LARGO DA MATRIZ, NO SÁBADO DO DIVINO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01



SET-5542 - CERIMÔNIA DE LEVANTAMENTO DO MASTRO
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008



SET-6435 - CERIMÔNIA DE LEVANTAMENTO DO MASTRO NO SÁBADO DO DIVINO
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01**

Ao mesmo tempo, sob a responsabilidade do mordomo da fogueira, acende-se uma fogueira de 2,5m de altura na lateral esquerda do Largo. “É costume que Imperador responda com outra queima”, que se realiza logo em seguida. (Amaral, R., opus cit.)

O “queima” é um dos momentos culminantes da Festa, arregimentando grande número de espectadores que, após o Levantamento do Mastro, seguem a Banda Phoenix até às margens do Rio das Almas para assistir ao espetáculo. O “queima” (que, este ano, durou 22 minutos) é interpretado pela comunidade como a expressão máxima da qualidade da festa e do prestígio do Imperador. Entretanto, durante estes dois eventos, o Imperador não ocupa nenhum lugar estabelecido ritualmente, acompanhando o Levantamento do Mastro e o “queima” em meio à multidão.

O Sábado do Divino é, portanto, um momento importante que deflagra os festejos *mais profanos* da Festa e prepara os eventos religiosos do Domingo de Pentecostes, relacionados ao sorteio do novo Imperador.



SET-8754 e SET-4051— o “QUEIMA”, PROMOVIDO PELO IMPERADOR NO SÁBADO DO DIVINO
FOTOS: SAULO CRUZ E CRISTOPHE SCIANNI , 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01****DIA 11 DE MAIO DE 2008, DOMINGO DO DIVINO – CORTEJO IMPERIAL, SORTEIO DO NOVO IMPERADOR E PROCISSÃO DO DIVINO.**

No dia seguinte, Domingo de Pentecostes (ou Domingo do Divino), pela manhã, aconteceu o Cortejo Imperial, que conduziu o Imperador de sua casa à Igreja Matriz, para a missa solene que precede o sorteio do novo Imperador. Este é um dos poucos momentos em que o Imperador pode usar a Coroa Imperial, tanto no cortejo que o conduz até à Igreja, após o sorteio e na Procissão do Divino, que se realiza em seguida.

A Bandeira do Divino abriu o cortejo que conduziu pela manhã o Imperador à Igreja Matriz, carregada por Gleice Rosa Pires, filha do Imperador, seguida por sete porta-bandeiras representando os sete dons do Espírito Santo, cada uma delas vestida com uma das sete cores associadas a cada dom.



SET-8931 – IMPERADOR, SUA ESPOSA E SUA MÃE, DURANTE O CORTEJO IMPERIAL
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



Logo atrás, vieram os grupos de música e dança e outros personagens que compõem a formação ritual deste cortejo: Contradança, composta por oito pares de crianças e o Congo, com sete crianças, ladeados pelas virgens e anjinhos vestidos de branco. Atrás delas, o andor, uma coroa gigante enfeitada com flores pela filha do Imperador, carregado por quatro crianças também vestidas de branco e, finalmente o quadro – quatro hastes de madeira pintadas de vermelho, sustentado por quatro meninas vestidas de dama de honra.

No interior do quadro, seguiram o Imperador e sua esposa, Maria José, sua mãe e parentes mais próximos, num total de onze pessoas. Atrás do quadro, alguns ex-Imperadores e, na sequência, a Banda Phoenix, a Congada e a Banda de Couro. Os parentes do Imperador, as portas-bandeiras e as meninas do quadro fizeram parte do cortejo de entrada do Imperador na Igreja Matriz e tomaram seus lugares à esquerda do altar-mor, próximos ao trono do Imperador. O andor foi colocado ao lado do altar.



SET-6686 – IMPERADOR, SUA ESPOSA E PORTAS-BANDEIRAS DO DIVINO DURANTE A MISSA DE PENTECOSTES
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01**

Após a missa cantada, teve início o sorteio do novo Imperador, comandado pelo pároco e pelos Irmãos do Santíssimo. Dois Irmãos do Santíssimo seguram cada um, uma sacola, uma delas com o nome dos candidatos e outra com os cargos. O padre retira primeiro o nome do candidato e em seguida, o cargo a ele designado. Neste ano, foram sorteados, Marcos de Siqueira para Imperador; Thales José Jayme para mordomo da fogueira; Horácio Alfredo de Sá para mordomo do mastro; Rafael Nonato para mordomo da bandeira e Heráclito d'Abadia para mordomo das velas. O sorteio foi festejado e acompanhado atentamente por uma grande multidão que lotou a Igreja durante a cerimônia.



SET-6847 – SORTEIO DO NOVO IMPERADOR
FOTO: SAULO CRUZ, 2006



SET-9793 – O NOVO IMPERADOR É COROADO
FOTO: SAULO CRUZ, 2008



SET-6891 – SAÍDA DO IMPERADOR APÓS A MISSA DO DIVINO
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01**

Após a cerimônia, há a Procissão do Divino, quando o cortejo volta à Casa do Imperador e há a importantíssima distribuição de pãezinhos e verônicas às virgens que participaram da formação do cortejo. A formação do cortejo é a mesma da manhã: portas-bandeiras, grupos folclóricos, virgens e anjinhos, andor, quadro, Banda Phoenix e acompanhantes.



SET-6943 e SET-9127 – FORMAÇÃO DO CORTEJO E PROCISSÃO DO DIVINO, NO DOMINGO DE PENTECOSTES
FOTOS: SAULO CRUZ, 2008



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES
GO 01 00 08 F20 01

No início da noite, ao final da missa das 19 horas, tradicionalmente dá-se continuidade às cerimônias ligadas ao Império, com a Benção e Posse do Novo Imperador: a Banda Phoenix busca o Imperador em sua casa e o acompanha até a Igreja Matriz. Este ano, entretanto, o novo Imperador e sua esposa ficaram na Matriz aguardando o Imperador do ano, Adão Rosa Pires, que chegou à Igreja após o término da missa, levado pela Banda Phoenix. Com a sua chegada, o público voltou à Igreja e a cerimônia foi rapidamente realizada. Em frente ao altar, o padre, após aspergir água benta sobre os dois Imperadores, retirou a coroa da cabeça do antigo Imperador que a beijou. Em seguida, o padre coroou o novo Imperador que, por conta própria, retirou a coroa, beijou-a e a colocou novamente na cabeça.

Foi formado um novo cortejo para conduzir dentro do quadro os dois Imperadores até a casa do novo Imperador. Lá, a coroa foi depositada em seu novo altar. Os presentes fizeram uma oração seguida por um breve discurso de agradecimento do novo Imperador. Entretanto, a coroa ainda permaneceu com Adão Rosa Pires que, na mesma noite, levou-a, sem cortejo, para sua Casa.



SET-7681 – FORMAS PARA MOLDAGEM DAS
VERÔNICAS
FOTO: SAULO CRUZ, 2008



SET-7734 – DONA TEREZINHA "PUXANDO" O DOCE
FOTO: SAULO CRUZ, 2008



SET-7074 – VIRGEM DO QUADRO MOSTRA
VERÔNICA
FOTO: SAULO CRUZ, 2008



SET-7069 – VIRGEM DO CORTEJO SABOREIA
SUA VERÔNICA
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01****DIA 25 DE MAIO DE 2008, CORPUS CHRISTI – DESCIDA DO MASTRO E ENTREGA DEFINITIVA DA COROA AO NOVO IMPERADOR**

As próximas e últimas cerimônias do Império ocorreram em Corpus Christi, quando, após a procissão, ao meio-dia, houve repique de sinos na matriz e a descida do Mastro, nos mesmos moldes do levantamento, ou seja, pelo hábil manejo de grandes varas abertas em forquilha, sob a coordenação do Mordomo do Mastro.

A entrega definitiva da coroa ao novo Imperador aconteceu no início da noite. O cortejo, liderado pelas filhas do novo Imperador, saiu da casa de Adão Rosa Pires, Imperador 2008, que carregou nas mãos a coroa.

Adão Rosa Pires e o novo Imperador, junto com seus familiares, seguiram dentro do quadro até a altura da porta lateral direita da Matriz, onde foi feita a transferência da Coroa.

RESTARQ-0026-MMS-F20-01 – PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI



RESTARQ-0027-VA-F20-01 – DESCIDA DO
MASTRO, EM CORPUS CHRISTI
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008



RESTARQ-0028-VA-F20-01 – CORTEJO DA CASA IMPERIAL À CASA DO NOVO
IMPERADOR, EM CORPUS CHRISTI
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA - 2008

O novo Imperador, Marcos de Siqueira, colocou a Coroa na cabeça e o cortejo, acompanhado desde o início pela Banda Phoenix, entrou na Rua Direita, fechada desde a manhã para o trânsito de automóveis e ainda coberta pelo tapete de flores da procissão. O cortejo seguiu até a residência do novo Imperador. Lá, o altar, montado na melhor sala da casa, aguardava a Coroa. Houve queima de fogos e farta distribuição de salgados e bebidas à multidão que tomou conta da rua. Mais tarde, o ex-imperador voltou à sua casa, sem cortejo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01



RESTARQ-0029-VA-F20-01 – O CORTEJO NA RUA DIREITA, COM O NOVO IMPERADOR JÁ PORTANDO A COROA
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008



SET-4023 – MARCOS DE SIQUEIRA, IMPERADOR
2009
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01****DE 11 A 13 DE MAIO – O IMPERADOR E AS CAVALHADAS**

No Domingo do Divino, durante à tarde, entre o sorteio e a cerimônia de posse do novo Imperador, Adão Rosa Pires acompanhou o primeiro dia das batalhas entre mouros e cristãos, ocupando camarote de honra no Campo das Cavalhadas, ao lado da Tribuna das autoridades locais.

No terceiro dia, as carreiras rigorosamente ensaiadas pelos cavaleiros dão lugar aos esperadíssimos jogos de argolinhas, onde, ao mesmo tempo em que as habilidades individuais de cada cavaleiro podem ser demonstradas, há contagem de pontos para os dois exércitos, embora, neste momento, existam apenas cristãos, já que os mouros foram convertidos. Durante os jogos, o primeiro a ser homenageado é o Imperador; a segunda argolinha vai para o Imperador do ano seguinte, recém-sorteado; a terceira é da Banda Phoenix e a quarta é do prefeito. *(consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F40-02 – Cavalhadas)*



SET-9917 – O REI CRISTÃO HOMENAGEIA O IMPERADOR, ENTREGANDO-LHE A PRIMEIRA ARGOLINHA, DURANTE OS JOGOS DO TERCEIRO DIA DAS CAVALHADAS
FOTO: SAULO CRUZ, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01****5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO****5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS****A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PIRENÓPOLIS**

As celebrações e eventos que compuseram, este ano, a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis aconteceram em diferentes locais da zona urbana do município e também em sua zona rural. Na zona urbana, destacam-se principalmente o Largo e Igreja Matriz e o seu entorno, palco principal das cerimônias do Império. Em algumas celebrações - como a Folia da Cidade e o Reinado - certas cerimônias tiveram início nos bairros periféricos da cidade e alcançaram – ou atravessaram - o centro histórico em suas evoluções.

IMPÉRIO

Na cidade, as cerimônias do Império ocorrem na área formada pelo Largo e Igreja Matriz, Casa do Imperador e a Beira-Rio, local onde, no Sábado do Divino, acontece o “queima”, um dos momentos mais importantes do Império.

A Igreja e o Largo da Matriz - marco zero da cidade – sediam, portanto, as principais cerimônias litúrgicas do Império, como sorteio e coroação do Imperador, Benção das Bandeiras e da Coroa do Divino (inclusive as do Reinado), novena e missas, repique de sinos, fogos, fogueira e Levantamento do Mastro.

As Cavalhadas, bem como os Mascarados, tradicionalmente subordinados ao Império, desenvolvem seus principais rituais e atividades no espaço que une a Beira-Rio (local dos ensaios), a Casa do Imperador e o Campo das Cavalhadas, incluindo o Largo da Matriz e a Igreja do Bonfim. O Imperador ocupa camarote de honra no Campo das Cavalhadas. Desde que se têm notícias das primeiras Cavalhadas em Pirenópolis até o ano de 1959, elas foram realizadas no Largo da Matriz, antes da série de edificações que foram mandadas erguer pela Igreja no local. A partir desta data, as Cavalhadas foram realizadas no local onde hoje se ergue o Campo das Cavalhadas. No ano de 2005, as batalhas entre mouros e cristãos foram apresentadas na Beira-Rio, onde se realizam os ensaios, devido às obras de construção do Campo das Cavalhadas. A partir do ano seguinte, as Cavalhadas voltaram a ser apresentadas no Campo, cujas obras, entretanto, ainda continuam inacabadas. A transferência das Cavalhadas para o Campo e as edificações realizadas no local alterou sobremaneira as regras de sociabilidade que historicamente se estabeleciam entre as famílias e entre as famílias, os cavaleiros e os mascarados, durante o espetáculo. *(consultar item 7 desta ficha e fichas do INRC GO 01 00 08 F50 01/02/03/04 – Lugares – Largo e Igreja do Bonfim, Campo das Cavalhadas e Casa do Imperador)*

As Folias estendem para fora deste centro os domínios do Império do Divino Espírito Santo, alcançando os bairros periféricos e a zona rural do município.

O trajeto da Casa do Imperador à Igreja Matriz também marca excepcionalmente o lugar da festa: neste ano Imperial, cetra, bandeja e Coroa, símbolos máximos do Império, permaneceram até a véspera do Domingo de Páscoa na Fazenda Calçadas, zona rural do município, onde reside Adão Rosa Pires, Imperador 2008. A partir dessa data, a Casa do Imperador e o altar da coroa foram transferidos para um imóvel próximo à Igreja, porém no entorno do centro histórico. É neste lugar que inúmeros pequenos e grandes rituais (dos cafés com biscoito, rezas e cantórios ao recebimento das Folias e cerimônia de Entrega das Lanças, pelos Cavaleiros) rapidamente se desenrolam durante o período de efervescência da Festa.

Tradicionalmente, o Imperador transforma sua própria residência em Casa Imperial. A partir de 1999, a Igreja local fez uma tentativa de sediar a Casa Imperial, construindo um imóvel para esta finalidade, que ficou conhecido como Casa do Padre. Esta casa foi sede do Império nas Festas do Divino de 1999, 2000 e 2004, porém os Imperadores preferem seguir mantendo a Casa Imperial em suas próprias residências.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01****5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS****Marcos edificadoss:**

Igreja Matriz, no centro histórico, que concentra as principais cerimônias litúrgicas ligadas ao Império e ocupa lugar central na sociabilidade local. O altar-mor da Igreja ostenta permanentemente uma pomba do Divino Espírito Santo, doada por Natália de Siqueira, de tradicional família local. A Igreja Matriz foi tombada pelo então SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1941. A Igreja e o Largo também fazem parte do conjunto arquitetônico tombado como patrimônio material brasileiro em 1990, pelo IPHAN.– *(consultar ficha do INRC GO 01 00 08 F50 01 Lugares – Largo e Igreja Matriz)*

Campo das Cavalhadas, onde as batalhas entre mouros e cristãos são apresentadas no Domingo de Pentecostes e nos dois dias seguintes. A edificação conta com arquibancada e camarotes e contempla os exércitos com o castelo mouro (do lado do poente) e o castelo cristão (do lado da nascente) – *(consultar ficha do INRC GO 01 00 08 F50 03 Lugares – Campo das Cavalhadas)*

Casa do Imperador, marco edificado transitório, pois, normalmente, é organizado na casa do próprio Imperador. Neste local, a Coroa, o cetro e a bandeja permanecem entronizados durante o ano imperial, abertos à visitação. – *(consultar ficha do INRC GO 01 00 08 F50 04-Lugares – Casa do Imperador)*

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

Igreja Matriz – Durante os festejos do Divino, a Igreja se veste de vermelho (vestimentas dos padres e paramentos) e abre espaço à esquerda do altar-mor para a montagem do trono do Imperador. O Coro recebe o Coral Nossa Senhora do Rosário e a Banda Phoenix durante o período da Novena e no Domingo de Pentecostes (ou Domingo do Divino).

Largo da Matriz – do Sábado do Divino até Corpus Christi, ostenta o mastro branco e vermelho, com cerca de 23m de altura, com a Bandeira do Divino. Tradicionalmente, durante os festejos do Divino, o Imperador deve enfeitar o Largo com bandeirolas brancas e vermelhas, marcando o trajeto da Casa Imperial à Igreja da Matriz. Antigamente, cabia ao Imperador cair a lateral direita da Matriz, onde acontecem as tocatas da Banda Phoenix e a apresentação de grupos de dança, no Sábado do Divino. Ainda no sábado, há a queima da fogueira de cerca de 2m montada no lado esquerdo do Largo.

Casa do Imperador – Normalmente, a residência do próprio Imperador. A casa recebe pintura nova e levanta o altar da Coroa no melhor cômodo da casa, normalmente enfeitado com panos vermelhos e brancos, bandeiras do Divino e os santos de devoção da família do Imperador. O espaço é preparado para os festejos, como local para apeiragem dos cavalos, área para churrasco, uma cozinha grande, tablado para a realização de catiras e uma grande área coberta, com uma longa mesa, bancos e cadeiras para o recebimento dos Cavaleiros, das Folias, da Banda Phoenix e demais visitantes. O teto é enfeitado com bandeirolas brancas e vermelhas; pinturas e dizeres alusivos ao Divino Espírito Santo e ao Império do Divino são espalhados pelas paredes externas. Além da Festa de 2008, essa mesma casa, localizada à Avenida Sizenando Jayme, sediou o Império nos anos de 2003, 2005 e 2006. A Casa do Imperador tem o poder de modificar, a cada ano, o espaço da festa, visto que sua localização determina o trajeto de realização de eventos e cortejos. Esse é o único espaço simbólico vinculado ao Império que sobre variação. *(consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F50-04 – Casa do Imperador)*

Campo das Cavalhadas – O Campo já conta permanentemente com os castelos mouro e cristão. No primeiro dia do espetáculo, uma árvore é colocada no campo, sob a qual se esconde a “onça”, espião mouro que será descoberto pelo exército cristão. No terceiro dia, vários elementos são incorporados ao campo para a realização dos jogos, como a cabeça e o arco das argolinhas; os camarotes são decorados com panos de chita e cobertos por cada família. *(consultar fichas do INRC GO-01-00-08-F50-03 – Campo das Cavalhadas, GO-01-00-08-F40-02 – Cavalhadas e GO-01-00-08-F40-03 - Mascarados)*

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

6. TEMPO

DATA	☐ DATA FIXA: DIA ____ MÊS _____ ☒ DATA MÓVEL: 50 dias após a Páscoa										
DURAÇÃO	De Domingo de Páscoa à Quinta-Feira de Corpus Christi (período de efervescência da festa)										
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA O ápice da festa é o Domingo de Pentecostes (Domingo do Divino), de acordo com o calendário de festas cristãs; o ano imperial, entretanto, vai do Corpus Christi de um ano ao Corpus Christi do ano seguinte.										
OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1997											
1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

7. HISTÓRIA

7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES
AS ORIGENS DA FESTA - As origens da Festa do Divino Espírito Santo remontam à passagem do século XIII para o século XIV, instituída pela Rainha Santa Isabel, esposa de Dom Diniz, sexto rei de um Portugal em franco conflito com a Igreja Católica. “O auge do culto do Espírito Santo coincidiu em Portugal com o período mais intenso dos Descobrimentos.” Celebrada 50 dias após a Páscoa, no Domingo de Pentecostes, comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, marcando o início da missão evangelizadora da Igreja Católica. As Festas do Divino Espírito Santo podem também ser associadas a antiquíssimos festejos realizados em épocas de colheita, como instrumentos de coleta e distribuição de víveres e donativos em épocas de “fomes apertadas”.¹³ São festas fundadas na reciprocidade, isto é, ligadas a sistemas de circulação de dádivas, onde o “prestígio do Imperador” se baseia em acumular para redistribuir: a circulação destes bens se dá a partir de regras de espontaneidade/obrigatoriedade e engloba os mais diversos domínios da vida coletiva, correspondendo a um “fato social total”.¹⁴ Muito popular na Idade Média, espalhou-se pela África portuguesa, pela Índia e pelos arquipélagos da Madeira e dos Açores, onde sofreu um processo crescente de autonomização diante da Igreja oficial. No Brasil, difundiu-se durante o processo de colonização do país, adaptando-se a várias regiões e dinamizando o catolicismo popular¹⁵. A FESTA DO DIVINO EM PIRENÓPOLIS – Considerada por muitos a maior manifestação religiosa popular de devoção ao Divino Espírito Santo do país. Embora a tradição oral aponte a introdução da Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis na segunda metade do século XVIII, o primeiro registro conhecido é de 1819, promovida pelo Coronel Joaquim da Costa Teixeira, Imperador daquele ano. (Jayme, J, Esboço Histórico de Pirenópolis, 1971:610) O início do século XIX, com o final da época colonial e a vinda da família real para o Brasil foi um momento especial para as festas populares, intensificadas e transformadas em “celebrações públicas” onde “se punha a pátria no altar” (Silva, 2001:24, opus cit.).

¹³ TORRES, J., *FASTOS AÇORIANOS*, IN PANORAMA, 1856.

¹⁴ MAUSS, M., ENSAIO SOBRE A DÁDIVA IN *SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA*, EPU/EDUSP, 1974

¹⁵ SILVA, M. M., 2001, A FESTA DO DIVINO – ROMANIZAÇÃO, PATRIMÔNIO E TRADIÇÃO EM PIRENÓPOLIS, AGEPEL, GOIÂNIA.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01

Analisando-se a literatura existente sobre este período, verificam-se semelhanças entre as Festas do Divino Espírito Santo mandadas realizar em São Paulo e no Rio de Janeiro, com as Festas do Divino que se realizam hoje em Pirenópolis: folias em busca de esmolas para o culto, bandeiras e arandelas no campo da Igreja, levantamento de “impérios e coretos”, *“banda dos pretinhos”*, Levantamento do Mastro com bandeira e pomba do Divino, bandas e orquestras, “vendedores de sorte”, de comidas, tabuleiros de doces e “magníficas ceias, trazidas de casa”; barracas de espetáculos, ópera, circo, teatro e “noites de fogos”.¹⁶ Embora sofrendo transformações ao longo do tempo e dialogando com outras manifestações culturais locais, a estrutura da Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis mantém-se a mesma, bem como os principais mecanismos sociais que a configuram ano a ano e que articulam Igreja, poder público e a estrutura familiar local.

Não são conhecidos registros sobre o modo como estes festejos chegaram ao centro-oeste do país. Alguns autores, entretanto, confiam na hipótese de que *“(…) em Goiás, as festas foram se difundindo na sociedade que se formava à medida que a Igreja ia ocupando espaço nos arraiais emergentes me função das descobertas auríferas, a partir do século XVIII”*. Para estes, “as festas” eram “as grandes expressões da sociabilidade local”. (consultar, entre outros, Silva, 2001:27, opus cit),

O Padroado Régio, que regulava as relações entre o Estado e a Igreja no Brasil, permitiu a disseminação em todo o país de práticas eclesásticas menos ortodoxas e com ampla participação de confrarias religiosas (irmandades e ordens terceiras), pelo menos até o período de romanização da Igreja (principalmente a partir de 1920), quando os *aspectos profanos* e os “excessos” da Festa do Divino começam a ser encarados com maior severidade por parte da Igreja oficial. Em Pirenópolis, os livros de tombo da Igreja Matriz e documentos das Irmandades do Santíssimo Sacramento confirmam o papel fundamental que estas irmandades desempenhavam na organização dos festejos locais. (*sobre as Irmandades, consultar Anexo do INRC GO-01-00-F01-03*)

Para esta autora, um terceiro período marca o desenvolvimento da festa e suas transformações, chamado por ela de “patrimonialização”: após um período de pessimismo a respeito da formação e do caráter do povo brasileiro (final do século XIX e início do século XX), vislumbra-se a possibilidade de construção de uma identidade nacional que positiva a miscigenação racial e resgata as manifestações culturais populares. Este longo caminho, fomentado por intelectuais vários órgãos federais e estaduais, culmina em Goiás, na década de 1970, com o investimento na construção de uma identidade regional, à qual, a Festa do Divino e – principalmente as Cavalhadas – têm muito com o que colaborar. É a partir deste período que as vestimentas e ornamentos das Cavalhadas são repaginados e Pirenópolis começa a ocupar um lugar no cenário do turismo regional e nacional. O desenvolvimento deste processo tem seu ápice na construção do Campo das Cavalhadas e a apresentação das Cavalhadas no Ano do Brasil na França, em 2005. (*consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F50-03 – Campo das Cavalhadas*).

Este processo ainda está em curso, por exemplo, com a proposta atual de reconhecimento da Festa como patrimônio cultural nacional. Percebe-se, ainda, que a busca da “patrimonialização” interfere no modo como a sociedade local, ano após ano, se empenha na confirmação da tradição local e na configuração de suas representações sobre a Festa, resgatando inclusive aspectos dos festejos que já não eram mais praticados; estes, agora, são inseridos em novas redes de significado, onde as relações entre passado, presente e futuro são reelaboradas. Em outras palavras, a patrimonialização reforça as relações da comunidade com suas tradições.

O IMPÉRIO – Tradicionalmente, o Império do Divino Espírito estruturava-se em torno de uma edificação, que podia variar de um simples palanque de madeira levantado por ocasião da festa, aos Impérios permanentes de alvenaria, mais recentes (última metade do século XIX), espécies de capelas sempre apresentando no frontão a coroa imperial. Estes Impérios, ainda atuantes nos Açores, estão associados à passagem do controle do culto da corte e seus nobres para as Irmandades e contam com despensas, destinadas ao armazenamento de víveres, mantimentos, roupas e adereços. Neles, guarda-se a Coroa e realizam-se as principais cerimônias da festa, inclusive a coroação do Imperador.¹⁷

Embora, em algumas localidades do sul do Brasil ainda existam algumas dessas edificações, no Rio de Janeiro, *“(…) o Império era o palanque, o tablado, no qual ficava o trono do imperador, com a música, a Corte e as principais figuras da freguesia local”*; *“(…) armavam-se impérios e coretos (….) fabricados de sarrafos e lona pintada (….)”*. *“O povo, prelibando delícias infalíveis, passeava no campo, assistindo à edificação das barracas, à construção do Império e dos coretos, à colocação das bandeiras e arandelas”* (Moraes Filho, opus cit.).

¹⁶ MORAES FILHO, M., *FESTAS E TRADIÇÕES POPULARES DO BRASIL*, EDUSP/ITATIAIA, 1979 e CAMPOS, E., *ECOS PAULISTANOS DA VINDA DA FAMÍLIA REAL PARA O BRASIL*, DPH, PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO - 2005-2007 (c), ARQUIVO PDF, ACESSADO EM 6/7/2008.

¹⁷ MARQUES, RUI, A COROA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, 2005 (WWW.PORTALDODIVINO.COM.BR/ARTIGOS, EM 23/3/2008) e SANTOS, F., A ARQUITECTURA DOS IMPÉRIOS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO BRASIL MERIDIONAL: HERANÇA CULTURAL AÇORIANA, WWW.AZORES.GOV.PT EM 21/4/2008)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

De acordo com as fontes consultadas, tradicionalmente os cultos ao Divino Espírito Santo configuram-se a partir das Irmandades, que, com base territorial, normalmente estruturam-se em torno de um Império; os mordomos são sorteados entre os membros da Irmandade, além de voluntários, que normalmente se candidatam aos cargos como pagamento de promessas ao Divino. Tradicionalmente, a caridade e a solidariedade estão presentes nos bodos (distribuição e alimentos aos pobres, na forma de banquetes em dias festivos): os alimentos são colocados em longos bancos corridos, onde todos podem se servir de pão e vinho. Nas “funções”, refeições rituais servidas a um numeroso grupo de convidados por um dos irmãos, se oferecem a “sopa do Espírito Santo” (pão seco, água onde foi cozida carne e hortelã), pão de água, pão doce, arroz doce polvilhado com canela e, às vezes, carne. Estas refeições simbolizam a partilha e são servidas na presença da coroa e das bandeiras, ao som de cantigas alusivas ao Império cantadas pelos foliões, grupos de devotos que participam da preparação da festa percorrendo casas e freguesias, cantando os feitos e poderes do Divino Espírito Santo, recolhendo donativos e marcando os rituais da distribuição dos bodos ou das funções. Vê-se aqui grandes semelhanças dos bodos e funções praticados nos Açores com as partilhas rituais de alimentos realizadas na Festa do Divino de Pirenópolis seja pelo Imperador, pelas Folias do Divino ou mesmo nas Farofadas.

Fato importantíssimo é a autonomia do culto diante da Igreja, que tradicionalmente não depende da organização formal da Igreja e nem da participação formal do clero, não existindo intermediários entre os devotos e o Divino.

Baseado no joaquimismo¹⁸, o culto aposta na chegada do tempo da partilha e da igualdade entre os homens, o que significa que “todos podem ter a honra e a humildade de serem Imperadores” e devem ser respeitados e obedecidos quando investidos dessa autoridade.

Os sete dons do Espírito Santo são a fonte de todo o saber e de toda ordem: a **sabedoria**, que é o dom de perceber o certo e o errado, dom dado especialmente aos pobres e quem com eles se solidariza; a **inteligência**, que é o dom de entender os sinais da presença de Deus nas situações humanas, nos conflitos e nas lutas políticas; o **conselho**, que é o dom de discernir caminhos e opções, de saber orientar e escutar e de animar a fé e a esperança da comunidade; a **fortaleza**, que é o dom de resistir às tentações materiais, de se arriscar pela justiça e não temer o martírio; a **ciência**, que é o dom de saber interpretar a palavra de Deus, revelada pelo Espírito Santo; a **piedade**, que é o dom de agir como Jesus agiria, identificando no próximo o rosto de Cristo; e o **temor**, o dom da prudência e da humildade, de não esperar que Deus, nosso melhor amigo, faça a nossa vontade. A cada dom, está associada uma cor, a saber: azul = sabedoria, prata = entendimento, verde = conselho, vermelho = fortaleza, amarelo = ciência, azul-escuro = piedade, roxo = temor ou medo de ofender a Deus.

O IMPERADOR - Alguns autores apontam a coroação do Imperador e as expressões comunitárias de solidariedade em torno dos alimentos como uma característica da Festa do Divino Espírito Santo em Portugal, onde, pela influência dos franciscanos, reviviam-se as interpretações de igualdade, solidariedade e caridade, imperando os costumes laicos. No Brasil colonial, mantiveram-se estas características, predominando a devoção manifestada através de romarias, votos e festas dedicadas a santos, com caráter basicamente social e popular.

A chegada da família real ao Brasil, no final do século XIX, foi fundamental para as festas populares religiosas. Mello Moraes Filho, referindo-se às Festas do Divino realizadas, à época, no Rio de Janeiro, afirmava que “reis de verdade dialogavam com reis do imaginário”, em festejos onde o Imperador do Divino, à semelhança do Imperador do Brasil, também era menino, com manto verde e coroa dourada. Câmara Cascudo, por sua vez, chegou a afirmar que foi este o motivo que levou José Bonifácio de Andrada e Silva, assessor, ministro e tutor dos filhos de D. Pedro I, a decidir pelo título de Imperador – e não de rei – para o chefe político do país. (Silva, 2001:26, opus cit.). Em contrapartida, os Imperadores do Divino afirmavam exatamente a transitoriedade de seu poder, confirmando a igualdade de todos os homens diante do Espírito Santo: eram eles que detinham a honra de representar esse poder durante seu ano Imperial e, por esse motivo, deveriam ser respeitados e obedecidos. Tradicionalmente, o Imperador tinha até o poder de libertar os presos das cadeias, característica que se manteve nos Imperadores do Divino de Pirenópolis e que, segundo depoimentos recolhidos, de certa forma ainda se mantém através do circuito de influências em que se inserem estes representantes temporários do Divino.¹⁹ Entretanto, não existem registros de Imperadores meninos em Pirenópolis, pelo menos até o final do terceiro quartel do século XX, pois “o Imperador do Divino deve ser homem, maior e capaz”.²⁰

¹⁸ NA INTERPRETAÇÃO DO ABADE JOAQUIM DE FIORE (1132-1202) AS SAGRADAS ESCRITURAS SUGERIAM A EXISTÊNCIA DE TRÊS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO CORRESPONDENTES ÀS TRÊS PESSOAS DA SANTÍSSIMA TRINDADE. O PRIMEIRO ESTÁGIO CORRESPONDE AO TEMPO DO VELHO TESTAMENTO; A SEGUNDA IDADE INICIA-SE PELA REVELAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO, O TEMPO DE DEUS FILHO; A TERCEIRA IDADE, QUE HÁ DE VIR, CORRESPONDE AO DOMÍNIO DA TERCEIRA PESSOA. SERÁ O ADVENTO DO IMPÉRIO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, UM TEMPO NOVO MARCADO PELA PARTILHA SOLIDÁRIA E PELO DESAPARECIMENTO DAS HIERARQUIAS, SEM NECESSIDADE DE INSTITUIÇÕES DISCIPLINADORAS DA FÉ E, PORTANTO, SEM NECESSIDADE DAS ESTRUTURAS INSTITUCIONAIS DO PODER TEMPORAL DA IGREJA. APESAR DE SUA OBRA TER SIDO CONDENADA COMO HERÉTICA PELO PAPA ALEXANDRE IV, EM 1256, O JOAQUIMISMO, MENOS RADICALIZADO E MAIS MÍSTICO, FOI RETOMADO PELA CORRENTE ESPIRITUALISTA E CONTEMPLATIVA DOS FRANCISCANOS. (EM DOBRORUKA, V. *CONSIDERAÇÕES SOBRE O PENSAMENTO TRINITÁRIO DE JOAQUIM DE FIORE*, REVISTA MÚLTIPLA, NO. 8, ANO V, 2000, BRASÍLIA – VERSÃO PDF

¹⁹ CONFORME DEPOIMENTO DE POMPEU CHRISTOVAM DE PINA, DELEGADO DE CULTURA, À EQUIPE DA SET, RESPONSÁVEL PELA DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL DA FESTA. (VÍDEO, S/D, ARQUIVO IPHAN/ETEC PIRENÓPOLIS)

²⁰ CONFORME DEPOIMENTO DE POMPEU CHRISTOVAM DE PINA, DELEGADO DE CULTURA, À EQUIPE DE PESQUISA, EM 28/9/2008.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01

Embora os festejos envolvessem os mais diversos grupos sociais locais, na listagem dos Imperadores destacam-se nomes pertencentes às mais importantes famílias da cidade – como os Siqueira, os Pereira da Veiga, os Pereira Vale, os Mendonça, os Fleury e os Pina (muitos deles com títulos da Guarda Nacional, além de professores, artistas e padres), com vinculação direta ou indireta com a Irmandade do Santíssimo e quase sempre ligados por uma extensa rede de parentesco que reorganiza permanentemente os limites entre as classes e grupos sociais locais.²¹

Para Silva (2001, opus cit.), provavelmente os grupos familiares locais disputavam com afinco o cargo de Imperador do Divino, que tinha relação direta ou indireta com o nível de poder econômico, cultural e político de seus membros. Joaquim da Costa Teixeira, Imperador em 1819, era genro do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, um dos maiores expoentes da história local, que, por sua vez, foi Imperador do Divino em 1823 e 1830. Não raro, os Imperadores do Divino ocupavam cargos políticos de importância. (ver item 7.3 desta ficha) Muitos pirenopolinos atribuem ao Comendador a dinamização da Festa do Divino Espírito Santo, já que este tinha trânsito com a corte e era amigo pessoal do Imperador do Brasil.²² Para alguns estudiosos, este fator, aliado à passagem de naturalistas estrangeiros pelo local, como, por exemplo, Auguste de Saint-Hilaire em 1819, colaborou para que os habitantes de Meia Ponte iniciassem a construção de um olhar diferenciado sobre si mesmos e suas tradições. Isto explica que, embora se considere que a Festa do Divino de Pirenópolis venha sendo realizada desde o segundo quartel do século XVIII, seu primeiro registro conhecido é de 1819.

Tradicionalmente, em Pirenópolis os Imperadores são responsáveis pela programação da Festa durante o seu ano Imperial, decidindo quais as peças ou espetáculos que serão levados e se haverá, ou não, Cavalhadas. Este mecanismo corre paralelamente à sedimentação histórica de grupos familiares envolvidos com a preparação de certos eventos associados aos festejos, como, por exemplo, a família Pina, em relação às peças teatrais. Muitos destes espetáculos terminaram por ser definitivamente associados à Festa do Divino. Em Pirenópolis, nos registros disponíveis sobre a Festa, constata-se, a partir de 1837, a apresentação recorrente de muitos espetáculos, com destaque para dramas e operetas, como *Artaxerxes volta ao Palco*, *Demofonte* e *Guerras do Alecrim e Manjerona*. Em 2008, além de *Guerras do Alecrim e Manjerona*, foi encenada a ópera *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena*, ambas de autoria de Antonio José da Silva, o Judeu, encenada durante os festejos pela primeira vez em 1898, por Sebastião Pompeu de Pina, responsável pela construção do atual teatro da cidade, o Theatro Pyrenopolis, o segundo da cidade. Atualmente, o teatro é dirigido por Demétrio Pompeu de Pina, bisneto de Sebastião. Também o auto “As Pastorinhas”, muito popular no nordeste, foi “levado” pela primeira vez durante a Festa do Divino de 1923 e, desde então, por iniciativa de Joaquim Propício de Pina, incorporado à programação da Festa. (consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F40-04 – *Pastorinhas*)

A Banda Phoenix, por sua vez - desde a sua fundação em 1893, pelo mesmo Maestro Joaquim Propício de Pina -, jamais deixou de participar dos festejos do Divino, desempenhando um papel fundamental em várias cerimônias – cortejos vinculados ao Imperador e à Festa em geral.²³ O atual maestro da Banda Phoenix é o músico e tenor Alexandre Pompêo de Pina, Imperador do Divino em 1971 e bisneto de Sebastião Pompeu de Pina. (consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F40-01 – *Banda Phoenix*) Mais uma vez se confirma o importante papel desenvolvido pela família Pina que, desde 1832, só no âmbito da festa, já elegeu 21 Imperadores.

Quanto às Cavalhadas, embora venham cada vez mais ganhando notoriedade no contexto das comemorações e eventos que conformam atualmente a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, seus componentes insistem em afirmar que “as Cavalhadas servem ao Imperador”.²⁴ De acordo com os registros disponíveis, as primeiras Cavalhadas realizadas em Pirenópolis datam de 1826, mandadas realizar pelo Padre Amâncio da Luz, então Imperador. As Cavalhadas foram apresentadas esporadicamente durante o século XIX e a primeira metade do século XX, passando a ter regularidade somente a partir da década de 1960, quando deixam de ser encenadas no Largo da Matriz. Já na década seguinte, intensifica-se o processo de “espetacularização das Cavalhadas”, incentivado por órgãos e autoridades públicas municipais e estaduais, inserindo a Festa do Divino de Pirenópolis no circuito do turismo regional e nacional.

No que se refere às Folias, não existe registro histórico das Festas do Divino no país que não contem com estes antiquíssimos rituais de peditórios de esmolos e donativos para o Imperador. De base territorial, ampliam os domínios do Império e se empenham na missão de pregar e divulgar a devoção ao Divino Espírito Santo. Em Pirenópolis, durante o século XIX, há indícios da existência de várias folias, todas com base territorial, atuando simultaneamente durante a Festa. Existem atualmente na região três Folias: a da Roça, que tem origem na Folia da região de Mateus Machado e atua há mais de 140 anos; a da Rua, que existe há cerca de 50 anos e circula dentro da área urbana do município; a do Padre, mais recente, é uma iniciativa da Igreja local contra os “excessos” das outras Folias e a única que não entrega os donativos à Igreja e não ao Imperador.

²¹ ENTRE AS EXCEÇÕES, ALEXANDRE POMPEO DE PINA, ATUAL DIRETOR E MAESTRO DA BANDA PHOENIX, FOI IMPERADOR DO DIVINO EM 1971, QUANDO TINHA APENAS 7 ANOS. A PARTIR DESTA DATA, OBSERVA-SE A COROAÇÃO DE IMPERADORES MAIS JOVENS E ATÉ ADOLESCENTES. OS IMPERADORES MENINOS – CASO TENHAM EXISTIDO DURANTE O SÉCULO XIX – NÃO FAZEM PARTE NEM DOS REGISTROS NEM DA MEMÓRIA LOCAL.

²² CONFORME DEPOIMENTO DE POMPEU CHRISTOVAM DE PINA, OPUS CIT.

²³ A BANDA PHOENIX, CONSIDERADA PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE PELOS PIRENOPOLINOS, TAMBÉM DESEMPENHA PAPEL FUNDAMENTAL NAS CAVALHADAS E ATUA NO REINADO E NAS CAVALHADINHAS; CONSULTAR FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE FORMAS DE EXPRESSÃO – BANDA PHOENIX.

²⁴ (CF. DEPOIMENTO DE TONINHO DA BABILÔNIA, REI MOURO, A ESSA EQUIPE DE PESQUISA – OPUS CIT.).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**GO 01 00 08 F20 01**

Do ponto de vista histórico, tais cerimônias desempenharam um importante papel na sociabilidade rural, já que se baseiam em redes de relações de vizinhança e parentesco em áreas isoladas, territorialmente demarcadas e vinculadas a um núcleo urbano central, cerimônias estas amplamente utilizadas pela Igreja para casar, batizar e evangelizar²⁵. Ao mesmo tempo, as Folias do Divino obedecem ao grande princípio através do qual se comemora o Divino Espírito Santo: acumular para redistribuir, incentivando a circulação e a consagração de alimentos como forma de devoção.

Como vimos, na Festa não existem indivíduos e, sim famílias que, ao festejarem o Divino, refazem no presente uma intensa rede de relações espaciais e temporais de comprometimento e envolvimento com essas comemorações, consagradas pela tradição. Este grande mecanismo – refazer a tradição familiar de envolvimento com os festejos do Divino e, assim, praticar sua devoção – continua orientando as representações locais sobre estes festejos.

Da mesma forma, é exatamente a quebra deste mecanismo, através da interferência da Igreja atual local no sorteio do Imperador e em outras comemorações afins (as Folias, por exemplo), que pode culminar no sorteio de um Imperador sem “capital simbólico”, isto é, que não obedeça aos critérios tradicionais de prestígio do Imperador.

²⁵ OS LIVROS DE TOMBO DA IGREJA MATRIZ DESCREVEM PORMENORIZADAMENTE ESTES MOMENTOS, CONSIDERADOS OPORTUNOS PARA A EVANGELIZAÇÃO. (CF. SILVA, 2001, OPUS CIT).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

O COMENDADOR JOAQUIM ALVES DE OLIVEIRA E A FESTA DO DIVINO

“O homem importante de nossa história é Joaquim Alves de Oliveira (...); ele fazia o intercâmbio sócio-cultural-religioso também entre Pirenópolis, Cuiabá e Rio de Janeiro no lombo do animal”. (...) Ele “começou a trazer cá pro sertão, toda uma cultura, toda uma festa, toda uma religiosidade e (...) a festa do Divino, surgiu também aí dentro, pois nós temos notícia de 1826, do andamento das Festas do Divino, Cavalhadas e coisas mais. Mas ela (a Festa) entrou também naquela época, aqui no sertão com o sentido de catequese, porque lá na Europa os padres, inteligentes como eram, e vendo a necessidade da catequese aqui no Brasil, pois aqui nós tínhamos negros, nós tínhamos índios, que não seguiam o cristianismo, e tava sendo então imposta a religiosidade nesse povo, e ele, eles, os, os padres começaram a trazer isso como catequese”.

(Pompeu Christóvam de Pina, entrevista, s/d)

FESTA DO DIVINO, UMA FESTA MASCULINA

A Festa do Divino é machista, não existe uma imperatriz. Agora, um padre, pra agradar, faz uns, no máximo dez anos, o padre criou pra agradar as esposas, botando como imperatriz (...), ela não tem coroa, não tem nada na festa. Ela é a acompanhante do marido, é submissa como era o Antigo Testamento, toda mulher é submissa ao marido, é festa machista, ela não subiria hora nenhuma no trono da Igreja. Mesmo a comunhão dela era dado cá para as mulheres, cá em baixo, ela não subia no altar pra comungar. Então era uma Igreja machista, como era a Festa do Divino. Agora eles mudaram, e já teve duas ou três mulheres aí querendo entrar na sorte. E tem a minha oposição, aquilo não!, não é festa de mulher, não é que as mulheres sejam inferiores, é porque não tem. Deus. Não existe uma Deusa, tem Deus, e o Deus são três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, não tem mulher.

(Pompeu Christóvam de Pina, entrevista, s/d)

O IMPERADOR

O imperador do Divino, nós temos, eu, tenho e foi herdado dos meus pais, que é uma pessoa escolhida pelo Espírito Santo, e no período em que ele é imperador, ele é dotado de poderes, de força maior do que as outras pessoas. O imperador no dia de Pentecostes, ele tinha o poder de libertar os presos que estavam condenados na cadeia; nos anos antes do código penal, isso acontecia. Então era uma pessoa de um domínio extraordinário.

(Pompeu Christóvam de Pina, entrevista, s/d)

Existem Festeiros que esperaram mais de 30 anos para ser sorteados como Imperador. Outros continuam esperando e declaram que “se preciso for, esperarão a vida toda pela vontade do Divino”. Para a população de Pirenópolis, “você pode colocar o nome na sorte, mas quem escolhe é o Divino”. Quanto aos custos que devem ser arcados pelo Imperador, as pessoas afirmam que “não são nada perto das graças que já receberam e ainda irão receber”.

Rafael Donato, Mordomo da Bandeira em 2008, 12 de maio de 2008

A COROA DO DIVINO

A Coroa do Divino, a nossa coroa do Divino, ela é entronizada. Em outras cidades existem coroas, dezenas, centenas, milhares de coroas nesse Brasil, não só do Espírito Santo, mas também de outros santos, outras festas, tudo tem coroa na cabeça. Mas nenhuma das coroas é entronizada, agora, a nossa Coroa do Divino é entronizada, é venerada durante vinte e quatro horas por dia. Sorteia o cidadão imperador, no outro dia ele constrói na sala, a melhor sala que ele tem, usando os panos mais bonitos que ele tenha, a mesa mais sofisticada, aí ele põe o trono, a coroa em destaque, e é velada, e é rezada, é pedida pelos fieis, que vão lá e têm fé de conseguir alguns favores do Espírito Santo.

(Pompeu Christóvam de Pina, entrevista, s/d)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

O ESPÍRITO SANTO

Aqueles que não conhecem o Espírito Santo, ou não tiveram ainda o prazer de encontrá-lo e interpretar toda a sua filosofia, todos os seus ensinamentos do poder de Deus, Deus na terceira pessoa. Então, deixa o Espírito Santo baixar em você, deixa ele guiar os seus passos, dar-lhe caminhos da vida, porque você tendo esse caminho logicamente você terá o caminho dos céus. Vai viver na proteção de Deus eternamente. É isso aí.

(Pompeu Christóvam de Pina, entrevista, s/d)

7.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Século XVIII	As fontes secundárias sugerem que, nos núcleos goianos surgidos com a mineração, as festas católicas foram se difundindo a partir do século XVIII, à medida que a Igreja ia ganhando espaço nas vilas e arraiais emergentes. Destaca-se o tipo de relação estabelecida no país entre o Estado e a Igreja, o Padroado Régio, e os padrões menos ortodoxos por ela adotados no Brasil Colonial. As várias Irmandades, já atuantes neste século, testemunham o papel desempenhado pelos leigos nas relações que se estabeleciam entre o Estado, a Igreja e as famílias locais. Confirma-se o papel desempenhado pela Irmandade do Santíssimo no culto ao Divino Espírito Santo em Pirenópolis.
Início do século XIX	Vinda da família real para o Brasil, imprimindo uma nova direção às festas populares, que se expandiram na forma de cerimônias públicas, onde os “reis e rainhas do imaginário dialogavam com reis de verdade, colocando a Pátria no altar”. Os registros existentes indicam que as Festas do Divino respondiam bem a estas diretrizes, já que giravam em torno das figuras do Imperador, do cetro e da Coroa.
1819	Primeiro registro referente à Festa do Divino de Pirenópolis. Durante o século XIX, as Festas do Divino locais acompanhavam em muitos aspectos as cerimônias realizadas na mesma época, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, confirma-se a semelhança estrutural entre a Festa do Divino de Pirenópolis com as Festas do Divino realizadas nos Açores. Além das cerimônias do Império propriamente dito, peças teatrais e musicais eram mandadas realizar pelo Imperador, que chegou a contar com 5 folias.
1826	Registra-se, pela primeira vez, a encenação das Cavalhadas, durante o ano imperial do Padre Amâncio da Luz, o mesmo que presenteou a cidade com a Coroa, a bandeja e o cetro de prata, utilizadas até hoje pelo Imperador do Divino. Durante o século XIX, as Cavalhadas foram apresentadas 15 vezes e também foram esporádicas até a metade do século XX.
1836	Apresentação, durante os festejos do Divino, do Batalhão de Carlos Magno, que foi reapresentado nos anos de 1862, 1900 e 1905.
Século XIX	Entre as confrarias religiosas, em Pirenópolis, a Irmandade do Santíssimo Sacramento congregava os nomes mais prestigiados da vida política e social local, os quais, por sua vez, desempenhavam os papéis mais importantes nas Festas do Divino. Neste século, 44 Imperadores ostentavam títulos da Guarda Nacional. Entre 1899 e 1945, registramos 5 Imperadores do Divino que também foram prefeitos ou intendentos locais. Antes disso, o Comendador Joaquim Alves de Oliveira já tinha sido Imperador em 1823 e 1830; Joaquim Propício de Pina, fundador da Banda Phoenix, foi Imperador em 1923 e prefeito em 1927. ²⁶
Século XX	O ano de 1920 demarca a passagem de um período de “soberania da festa” para o de “romanização”, ou seja, de coibição pela Igreja dos “excessos da festa” e o enfraquecimento das Irmandades locais, interferindo no jogo de forças que conduzia as relações entre Igreja, poderes públicos e famílias locais.

²⁶ Cf. CARVALHO, ADELMO, 2007, OPUS CIT.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		GO	01	00	08	F20	01
1960	A partir desta época, inicia-se um terceiro período, chamado por Silva (2001, opus cit.) de “patrimonialização”, que investe na formação de uma identidade cultural regional e lança Pirenópolis no circuito de turismo nacional. As Cavalhadas desempenham papel importantíssimo nesse processo, ganhando notoriedade e se “autonomizando” em relação ao Império, embora continuem afirmando que “ <i>servem ao Imperador</i> ”. Por outro lado, há o enfraquecimento das Irmandades e uma maior interferência da Igreja nos festejos locais.						
Passagem do século XX para o século XXI	O Império conta com novos atores – institucionais ou não – para promover seus mecanismos de “acumular” e redistribuir. Muitos custos que tradicionalmente eram bancados pelo Imperador e mordomos – organização da Casa Imperial, pólvora, fogos, alimentação das bandas, dos grupos de música, dos cavaleiros, etc, são agora subvencionados principalmente por verbas públicas ou ações privadas. Do mesmo modo, o trabalho voluntário na Casa do Imperador abre lugar para o trabalho remunerado.						
1995 (a partir de)	A partir desta década, a Igreja local procura interferir diretamente na Festa, selecionando previamente os candidatos a Imperador. Entretanto, para Pompeu Christovam de Pina ²⁷ , a maior ou menor interferência na Festa depende, em muitos aspectos, dos padres locais.						
2003	Criação da Folia do Padre, visando evitar os excessos das Folias da Roça e da Rua, visando recuperar sua missão evangelizadora junto à população rural. Segundo Seu Zuca (José Divino Pereira), músico atuante nos Terços dos Cavaleiros e nas Folias do Padre e da Rua, “ <i>a Folia do Padre não é a tradicional, mas é a original</i> ”. (cf. depoimento dado a membros da equipe de pesquisa no dia 24/03/2008)						
2008	Historicamente, as Folias vêm aos poucos se desprendendo dos mecanismos básicos da economia de subsistência e dos grandes mutirões de preparação e realização dos pousos e giros (parentesco e vizinhança). Embora na Folia da Rua e do Padre muitos destes mecanismos ainda permaneçam, há, principalmente na Folia da Roça, a crescente introdução de novos atores, como ambulantes para a venda de alimentos e bebidas, a contratação de empresas especializadas para os bailões sertanejos, a racionalização da oferta de alimentos nos pousos e a uniformização dos foliões. Na Folia do Padre, ao contrário, constatamos em 2008 a produção comunitária de pousos, como nos vilarejos de Bom Jesus e Santo Antônio, envolvendo toda a comunidade local. Com o decorrer do tempo, diminuiu também o tempo de duração dos giros: há registros de percursos, no século XIX, que chegavam a durar mais de 30 dias; atualmente, os giros duram em média 8 dias. (cf. Silva, 2001, opus cit.)						

8. ATIVIDADE

8.1. PROGRAMAÇÃO

²⁷ SEGUNDO ENTREVISTA DADA À EQUIPE NO DIA 28/9/2008, OPUS CIT.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

ETAPA	ATIVIDADE – IMPÉRIO
“Peditórios” com a Coroa	A partir da véspera do Domingo de Páscoa até o Domingo de Pentecostes, como pagamento de promessas, a Coroa saiu pelas mãos de devotos em circuitos de “Peditório”, em datas e horários aleatórios, sem interferir nas cerimônias oficiais do Império. Os donativos foram entregues ao Imperador.
Benção da Coroa	Realizada no Domingo de Páscoa, ao meio-dia, na Igreja Matriz. Após a cerimônia, a Coroa e a Bandeira seguem em cortejo até a Casa do Imperador. Participação do Imperador e sua esposa, do pároco local, da Banda Phoenix, além de devotos e públicos em geral. Neste ano, dia 23 de março, foram cumpridos todos os trâmites rituais; entretanto, a Coroa não foi abençoada pelo pároco.
Reunião dos Cavaleiros na Casa do Imperador	Realizada no Domingo de Páscoa, 23 de março, às 15 horas. Reunião onde os Cavaleiros assinam o Termo de Compromisso das Cavalhadas. Presença dos membros da Associação dos Cavaleiros, de Pompeu Christóvam de Pina, Delegado de Cultura e autoridades locais. A reunião é precedida de reza do terço e outras orações, além de agradecimentos ao Divino diante do Altar da Coroa. Há oferecimento de comida e bebida aos participantes.
Procissão da Coroa	Realizada no Domingo de Páscoa, 23 de março, às 18 horas. A procissão se forma a partir da chegada da Banda Phoenix, na junção da Rua Direita com a Avenida Comendador Joaquim Alves, em frente à porta lateral direita da Igreja Matriz. A procissão sobe a mesma Avenida e entra à esquerda na Avenida Sizenando Jayme, em direção à Casa do Imperador. Participação do Imperador e sua esposa, da Banda Phoenix, além de devotos e públicos em geral. <i>(ver item 11 desta ficha)</i>
Chegada da Folia do Padre	Dia 27 de abril, no Salão Paroquial. A Folia do Padre não serve ao Imperador, pois os donativos que recolhe são entregues ao Pároco local. Entretanto, o Imperador ofereceu lanche aos foliões, no salão de festas do Salão Paroquial.
Novena e Missa do Espírito Santo	De 2 a 10 de maio, na Igreja Matriz. O Imperador e esposa entram em cortejo na Igreja, seguidos pelo pároco, atrás dos ministros, coroinhas e dos Irmãos do Santíssimo Sacramento. O Imperador e sua esposa ocupam um trono especialmente preparado para a ocasião, à esquerda do altar-mor. Durante a Novena, em nenhum momento o Imperador coloca na cabeça a Coroa, que entra e sai da Igreja em suas mãos e permanece apoiada em uma mesinha ao lado do trono, durante a cerimônia. (Neste ano, aconteceram várias modificações rituais como, por exemplo, ausência de padre para conduzir o 2º. dia da novena e entrada do padre desvinculada do cortejo).
Chegada da Folia da Cidade	Dia 4 de maio, na Casa do Imperador. Entrega dos donativos ao Imperador, com rezas e cantório. Em seguida, o Imperador ofereceu lanche aos foliões. (Neste ano, por desavenças entre o Imperador e os foliões, os participantes da Folia da Cidade entregaram os donativos, participaram das rezas e fizeram cantório; entretanto, recusaram o lanche e deixaram a Casa do Imperador após os “agradecimentos de mesa”. <i>(consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F20-02 - Folias do Espírito Santo)</i>
Chegada da Folia da Roça	Dia 4 de maio, na Casa do Imperador. Entrega dos donativos ao Imperador, com rezas e cantório. Em seguida, o Imperador ofereceu lanche aos foliões. Houve reza, puxada pela esposa do Imperador, cantório e “agradecimento de mesa”. <i>(consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F20-02 - Folias do Espírito Santo)</i>
Cerimônia de Entrega das Lanças	Dia 8 de maio, na Casa do Imperador. É o último dia de ensaio dos Cavaleiros, que deixam o local de ensaios a cavalo, hierarquicamente perfilados (rei cristão com rei mouro, embaixador cristão com embaixador mouro e assim por diante), com as varas de madeira que utilizaram durante os ensaios cruzadas no centro. Em cortejo, realizam trajeto na cidade que inclui agradecimento na Igreja do Bonfim e passagem pela Igreja Matriz, para chegar à Casa Imperial, onde agradecem e entregam as varas ao Imperador. Há reza, cantório e catira. O Imperador ofereceu jantar aos Cavaleiros. Neste dia, os Cavaleiros participam da novena e missa, ocupando lugares nos bancos disponíveis no altar-mor da Igreja. <i>(consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F40-02 - Cavalhadas)</i>
Almoço para o Padre	Dia 9 de maio, na Casa do Imperador. O Imperador ofereceu almoço ao Padre Oscar Vasconcelos, pároco local. Na ocasião, o Padre justificou e discutiu com os presentes os critérios para a pré-seleção dos candidatos a Imperador 2009.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		GO	01	00	08	F20	01
Levantamento do Mastro, fogueira e queima.	Dia 10 de maio, às 18h30. Sábado do Divino. Procissão e Bênção da Bandeira do Divino, durante a missa do último dia da novena. Após a bênção, a Irmandade do Santíssimo Sacramento se perfila à saída da Igreja, abrindo alas para o Imperador colocar a bandeira na ponta do mastro de 23m, que será erguido pelos mordomos do mastro. Uma fogueira com armação de 2,5m de altura é acesa durante a cerimônia. Em seguida, a multidão segue a Banda Phoenix até a Beira-Rio, para a queima de fogos, de responsabilidade do Festeiro. O brilho e duração do queima são considerados pelos pirenopolinos termômetro da qualidade da Festa e do prestígio do Imperador.						
Sorteio do novo Imperador e Procissão do Divino Distribuição de verônicas e pãezinhos	Dia 11 de maio, Domingo do Divino. O cortejo imperial sai da Casa do Imperador em direção à Igreja Matriz, às 8 horas da manhã. Neste ano de 2008, o cortejo foi aberto pela Bandeira do Divino, levada por Gleice Rosa Pires, filha do Imperador, seguida por sete portas-bandeiras, vestidas, cada uma, com uma das sete cores associadas a cada dom do Divino Espírito Santo. Atrás, seguem a Contradança e o Congo, ladeados pelas virgens e anjinhos e o andor, uma coroa gigante enfeitada com flores brancas e vermelhas, carregado por quatro crianças também vestidas de branco; finalmente, vêm o Imperador portando a Coroa e seus familiares, que seguem no quadro – quatro hastes de madeira pintadas de vermelho, sustentado por quatro meninas vestidas de dama de honra. Atrás do quadro, seguem alguns ex-Imperadores e, na sequência, a Banda Phoenix, a Congada e a Banda de Couro. Às 9 horas, durante a missa solene na Matriz, com participação da orquestra e do Coral Nossa Senhora do Rosário, há o sorteio mordomos e do novo Imperador. Dois membros da Irmandade do Santíssimo auxiliam o padre no sorteio, segurando, cada um, os saquinhos vermelhos que contêm, respectivamente, os nomes dos candidatos e as funções e encargos que serão sorteados. O padre vai retirando os papezinhos de forma alternada - nomes e encargos, e anunciando os eleitos. O Imperador permanece em pé, perto do padre e dos Irmãos do Santíssimo. É grande a assistência, pelo menos até a saída do nome do novo Imperador. O Imperador atual sai da Igreja em cortejo, portando a Coroa. Às 11 horas sai a Procissão do Divino, levando o Imperador de 2007, coroado, até a sua casa, com a mesma formação ritual do cortejo da manhã. Já na Casa Imperial, o Imperador promove a esperadíssima distribuição às virgens das verônicas e dos pãezinhos do Divino.						
Bênção e posse do novo Imperador	Dia 11 de maio, Domingo do Divino, às 18 horas. A Banda Phoenix sai da sede da banda e vai buscar o Imperador em sua casa, rumo à Igreja Matriz, para a cerimônia de bênção e posse do Novo Imperador, durante a missa das 18 horas. Esta é a única vez, durante todo o ano Imperial, que o Imperador entra na Igreja coroado. Após a posse, o novo Imperador sai da Igreja com a Coroa na cabeça. Neste ano, a Banda Phoenix e o Imperador 2008 chegaram à Igreja após o término da missa e a cerimônia foi realizada do seguinte modo: os dois Imperadores ficaram diante do pároco, no altar; o pároco aspergiu água benta nos dois Imperadores, retirou a coroa da cabeça do Imperador 2008 e fez com que ele a beijasse. Em seguida, colocou a coroa na cabeça do novo Imperador o qual, por conta própria, retirou a coroa, beijou-a e colocou-a novamente na cabeça. Entretanto, a coroa continuou com o Imperador de 2007, que se retirou em direção à Casa Imperial, sem cortejo.						
Camarote do Imperador nas Cavalhadas	Dias 11, 12 e 13 de maio. O Imperador e sua família ocupam camarote de honra durante os 3 dias das Cavalhadas. É sua atribuição oferecer todos os dias lanche aos Cavaleiros. O Imperador é homenageado durante os “jogos” realizados no último dia das Cavalhadas, recebendo a primeira argolinha.						
15 de maio de 2002	O Imperador 2007 ofereceu jantar aos seus principais auxiliares, ajudantes, amigos e autoridades locais.						
Descida do mastro e entrega definitiva da coroa ao novo Imperador	Dia 22 de maio, Corpus Christi. Após a procissão de Corpus Christi, de manhã, há a descida do mastro, no Largo da Matriz. Às 18h30, o cortejo saiu da Casa Imperial em direção ao Largo da Matriz, com os dois Imperadores e seus familiares dentro do quadro, com as portas-bandeiras (filhas do novo Imperador) e a Banda Phoenix. Na lateral direita da Matriz, o Imperador 2007 entregou a Coroa ao novo Imperador, que seguiu com ela na cabeça. O cortejo seguiu pela Rua Direita até a casa do Novo Imperador onde a coroa foi entronizada em seu novo altar. Houve farta distribuição de salgados, refrigerantes, água e cerveja. O velho Imperador seguiu para casa sem cortejo e encerrou seu ano imperial promovendo queima de fogos em sua residência.						

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

STATUS	FUNÇÃO
Imperador ou Festeiro	Escolhido por sorteio. É o grande guardião dos símbolos do Divino e o responsável pela organização da Festa. Objetos simbólicos circulam no espaço de cada festejo e entre os festejos, e são consagrados pelo Imperador ou na presença do Imperador: A ele se entregam as Bandeiras do Divino, as lanças dos cavaleiros e os donativos das Folias. É ele quem porta os símbolos máximos do Império – o cetro e a coroa – e os assenta em lugar de honra, dentro da Igreja; é em sua presença, no 3º. dia da novena, que as Bandeiras do Reinado (Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito) são abençoadas. É também sua responsabilidade abrir e promover a realização dos terços dos Cavaleiros, que este ano iniciaram-se ainda no mês de janeiro; receber os cavaleiros para a assinatura do Termo de Compromisso das Cavalhadas, bem como recebê-los diariamente enquanto duram os ensaios. O Imperador tem a obrigação de oferecer lanches aos participantes das Pastorinhas, durante os ensaios; aos cavaleiros, durante as Cavalhadas e aos membros da Banda Phoenix e da Banda de Couro. Responsável pela ornamentação do trajeto que une a Casa Imperial à Igreja Matriz. Responsável pelos tiros de toco e pela grande queima de fogos, na noite do Sábado do Divino.
Esposa do Imperador ou Festeiro	Coube à esposa do Imperador, excepcionalmente, “puxar” os terços dos cavaleiros, durante este ano Imperial, bem como outras rezas e agradecimentos na Casa do Imperador, diante do altar. Responsável pela ornamentação e montagem do altar da coroa e da Casa do Imperador, bem como de andores e produção de bandeirolas. Responsável pela organização dos menus – basicamente jantares e cafés da manhã – oferecidos pelo Imperador durante os festejos. Responsável pela alimentação de todos os que trabalharam ou prestaram serviços diariamente na Casa do Imperador, além de inúmeros visitantes. Responsável pelo acompanhamento da produção e acondicionamento das verônicas e pãezinhos do Divino.
Irmandade do Santíssimo	Durante estas cerimônias, os membros da Irmandade do Santíssimo portam castiçais de prata, velas acesas e opas vermelhas. O provedor da Irmandade carrega vara com o símbolo do Espírito Santo (pomba). Participam dos cortejos de entrada e saída do Imperador da Igreja, durante a Novena do Divino e auxiliam o Pároco local durante o sorteio do novo Imperador. Participam da abertura da cerimônia de Levantamento do Mastro, no sábado do Divino, conduzindo a Bandeira do altar à porta principal da Igreja Matriz e colaborando na colocação da Bandeira na ponta do mastro.
Padre(s)	Realizam todas as cerimônias litúrgicas ligadas ao Império e conduzem o sorteio do novo Imperador, no Domingo de Pentecostes.
Coral e Orquestra de Nossa Senhora do Rosário	Com direção do maestro e tenor Alexandre Pompêo de Pina, participa, junto com membros da Banda Phoenix, da novena e missas cantadas e da missa solene do Domingo de Pentecostes, quando há o sorteio do novo Imperador.
Banda Phoenix	É coadjuvante do Imperador em todos os cortejos e procissões, desde o Domingo de Páscoa, quando há a Benção da Coroa, até a entrega definitiva da Coroa ao novo Imperador, em Corpus Christi. Alguns músicos acompanham o Coral e Orquestra de Nossa Senhora do Rosário durante a novena e missas solenes na Matriz. Atualmente, a Banda participa das alvoradas no 2º. dia da Novena (sábado) e no Sábado e no Domingo do Divino. No Sábado do Divino, após a cerimônia de Levantamento do Mastro, conduz a multidão do Largo da Matriz até à Beira-Rio, para o espetáculo do “queima”.
Mordomo do Mastro	Escolhido por sorteio. É responsável pela preparação do mastro de 23m, hasteado no Sábado do Divino. Coordena a equipe responsável pelo Levantamento do Mastro, feito com incrível habilidade por varas compridas abertas em forquilha. Também é responsável pela descida do mastro em Corpus Christi.
Mordomo dos Fogos	Escolhido por sorteio. É responsável pelos fogos que marcam o início e o final da novena e o início da missa.
Mordomo da Fogueira	Escolhido por sorteio. É responsável pela preparação da fogueira de 2,5m de altura que arde durante a cerimônia de Levantamento do Mastro.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES		GO 01	00 08 F20 01
Mordomo da Bandeira	Escolhido por sorteio. Permanece o ano todo com a Bandeira do Divino, que será hasteada junto com o mastro, no Sábado do Divino. A Procissão da Bandeira, que acontece neste mesmo dia, é o único cortejo ligado ao Império que não tem nem como origem, nem como destino a Casa do Imperador.		
Fogueteiro	Responsável pelos tiros de toco que o Imperador deve soltar todas as madrugadas, abrindo as alvoradas, durante as novenas e após o Hino do Divino, ao final de cada novena. Os tiros de toco também são lançados nas cerimônias realizadas na Casa do Imperador.		
Preparador da Pólvora	Cavaleiro cristão e grande devoto do Divino, Chico Pedruca é responsável pelo grupo que fabrica a pólvora com a qual se preparam os tiros de toco. Há alguns anos, como pagamento de promessa, sai com a Coroa no Sábado do Divino, em busca de donativos para o Imperador.		
Devotos	Vitinho e Dona Divina são exemplos de profundos devotos do Divino que auxiliaram o Imperador em muitos momentos, principalmente na coleta de donativos e na abertura de cortejos, portando a Bandeira e a Coroa do Divino.		
Banda de Couro	Conjunto de percussão que remonta às festas dos negros escravos, realizadas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no século XVIII. A Banda é formada por tambores (caixas) de couro, zabumba, rufadeira e tambores diversos, além de saxofone e triângulo. Formado por crianças e liderado por Vicente Melani (Vicente Sebastião de Pina). Participa das alvoradas e aguarda o final da novena e das missas na porta da Igreja Matriz, recebendo o Imperador ao som de suas caixas e sax. Em seguida, percorre a Avenida Comendador Joaquim Alves até a esquina da Avenida Sizenando Jayme, onde o grupo se dissolve.		
Alferes das Folias da Roça e da Cidade	Responsáveis pela realização das Folias, antiqüíssimos rituais de peditórios de esmolas e donativos para o Imperador, que “giram” pela zona rural do município e pela zona urbana, parando em “pousos” especialmente preparados para receber os foliões. De base territorial, ampliam os domínios do Império e se empenham na missão de pregar e divulgar a devoção ao Divino Espírito Santo.		
Músicos	Sem eles, não acontecem os Terços dos Cavaleiros, as chegadas das Folias e os terços e benditos entoados na Casa do Imperador. Animam a Casa Imperial em vários momentos dos festejos com catiras e cantórios.		
Cavaleiros mouros e cristãos	É grande o número de etapas rituais que os 24 cavaleiros, mouros e cristãos, realizam na esfera do Império, como, por exemplo, os Terços dos Cavaleiros, e a Cerimônia de Entrega das Lanças ao Imperador. Historicamente, é o Imperador quem decide se, em seu ano imperial, haverá ou não Cavalhadas. <i>(consultar ficha do INRC GO 01 00 08 F40 02 – Cavalhadas)</i>		

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES – IMPÉRIO	
DESCRIÇÃO	CASA DO IMPERADOR – FAZENDA CALÇADAS E AVENIDA SIZENANDO JAYME
QUEM PROVÊ	O Imperador. Recebeu apoio da Prefeitura, na forma de serviços, como limpeza do terreno e pintura da casa. Donativos das folias, donativos colocados na coroa, no altar da Casa Imperial, outros donativos. Trabalho voluntário e trabalho remunerado, principalmente na cozinha.
FUNÇÃO	Preparação do altar, cozinha, refeitório, tablado para a apresentação de catiras, cocheira e outras instalações para desempenho das funções imperiais.
DESCRIÇÃO	DONATIVOS
QUEM PROVÊ	Donativos das folias, donativos colocados na coroa, no altar na Casa Imperial, outros donativos. O Imperador recebe vários donativos, em dinheiro ou espécie, como vacas, sacos de açúcar, polvilho, bebidas.
FUNÇÃO	É a forma tradicional de dinamização da festa e de demonstração de devoção ao Divino Espírito Santo: acumular para redistribuir, consagrando a circulação de alimentos. O Imperador deve demonstrar abastança durante o cumprimento de suas obrigações rituais.
DESCRIÇÃO	PRODUÇÃO DA PÓLVORA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

QUEM PROVÊ	A prefeitura e o Imperador. Outros donativos.
FUNÇÃO	Tradição que deve ser cumprida pelo Imperador, visto que os tiros de toco são referência obrigatória durante os festejos do Divino.
DESCRIÇÃO	FOGOS E QUEIMA
QUEM PROVÊ	O Mordomo dos Fogos/O Imperador
FUNÇÃO	O “queima”, realizado à noite, no Sábado do Divino, é considerado pela população medida da grandiosidade da Festa e do prestígio do Imperador.

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO - IMPÉRIO	
DESCRIÇÃO	MONTAGEM DA FOGUEIRA - Toras de madeira para a montagem da grande fogueira no largo esquerdo da frente da Matriz, após a missa no Sábado do Divino. A fogueira tem cerca de 2 m de altura; como medida de sustentação, as toras devem ser amarradas.
QUEM PROVÊ	O mordomo da fogueira que, normalmente, contrata uma equipe para realizar o trabalho.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Cumprir com a tradição no Sábado do Divino, durante o Levantamento do Mastro.
DISPONIBILIDADE	No município
DESCRIÇÃO	PREPARO DA PÓLVORA PARA PRODUÇÃO DO TIRO DE TOCO – Os tocos medem aproximadamente 30 x, 20 x 20 cm, com um orifício no centro para fixar um cano de metal que tem cerca de 30 cm e uma polegada de diâmetro. Em sua extremidade inferior possui um pequeno orifício por onde sai um pouco de pólvora que servirá de pavio, durante a queima dos tiros. O cano é fixado no toco através de um cravo, colocado por um ferreiro na extremidade inferior. Perfila-se uma média de 30 tocos sobre areia para a descarga dos tiros de toco. O som emitido durante a explosão dos tiros lembra a salva de canhões de roca e, dependendo da qualidade da pólvora, fica mais forte ou fraco. É também conhecido por roqueira. A descarga de roqueiras está presente na programação da Festa do Divino em vários momentos, a partir da tocata na porta da Matriz no primeiro dia da novena. Daí em diante, soltam-se tiros de toco diariamente às quatro horas da manhã (nas alvoradas), ao meio-dia e após a novena, anunciando o início da missa. Os tiros de toco também costumam ser lançados nas cerimônias que acontecem na Casa do Imperador.
QUEM PROVÊ	Imperador e Prefeitura Municipal
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Produção de tiros de toco, referência obrigatória do Império do Divino. Também se mede o prestígio do Imperador pela quantidade de tiros de toco lançados em seu ano imperial.
DISPONIBILIDADE	É necessária autorização e controle do exército.
DESCRIÇÃO	FORMINHAS PARA MOLDAGEM DAS VERÔNICAS. São esculpidas com canivete em placas redondas de chumbo, com baixo relevo de temas e símbolos do divino, como a pomba ou a coroa. Outras formas também são utilizadas, como flores ou estrelas.
QUEM PROVÊ	O Imperador
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Cumprir com a tradição da Festa, quando, após a Procissão do Divino, o Imperador distribui às virgens verônicas e pãezinhos.
DISPONIBILIDADE	São produzidas por artesãos do município. Segundo Telma Lopes Machado, proprietária da Fazenda Babilônia, antigamente a feitura das verônicas tinha caráter familiar: o trabalho de esculpi-las com canivete era essencialmente masculino; a feitura do doce, essencialmente feminina.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 01
--	---------------------------

8.5. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	VERÔNICAS – DOCES DE AÇÚCAR (ALFENINS) COM AS INSÍGNIAS DO DIVINO. O açúcar vai ao fogo com um pouco d'água até ficar no ponto de puxa. Em seguida, a massa é esfriada sobre grandes placas de gelo. Quem tem mão quente não pode fazer verônicas. A massa é esticada com as mãos até ficar branca. Na forma de rolo, é cortada em pedaços, achatada com as mãos e moldada em formas de chumbo com as insígnias do Divino como a Coroa, a Pomba, e outros símbolos. Facas e garfos ajudam no acabamento final. Os doces são secos ao sol em grandes tabuleiros. Depois, são embrulhados em papel branco, normalmente três por pacote e amarrados com fitinhas vermelhas. Algumas vezes, as cobiçadas verônicas são acondicionadas em cestinhas. As verônicas só podem ser feitas quando param as chuvas. Este ano, as chuvas demoraram mais do que o esperado, atrasando o início da produção, na Casa do Imperador. A produção total foi abaixo do que a esperada.
QUEM PROVÊ	O Imperador. Grandes mutirões são realizados à noite na Casa do Imperador, puxados por doceiras famosas, como, por exemplo, Dona Terezinha, moradora da Vila Matutina. Homens, mulheres e crianças participam da feitura das verônicas.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Presentear as virgens que formam o cortejo do Imperador durante a Procissão do Divino. Outras pessoas podem receber verônicas, a critério do Imperador. As verônicas, de origem árabe, foram introduzidas na Festa do Divino em 1819, pelo padre Amâncio Ribeiro da Luz, Imperador daquele ano. Tradicionalmente, os alfenins também são distribuídos nas Festas do Divino realizadas nos Açores. Em Pirenópolis, a tradição oral lembra que as verônicas eram oferecidas em bandejas de porta em porta, a toda a população.
DESCRIÇÃO	PÃEZINHOS DO DIVINO OU PÃEZINHOS DE SANTO ANTONIO – pãezinhos feitos com água e farinha branca, assados no forno.
QUEM PROVÊ	O Imperador, que os encomenda em padarias.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Presentear as virgens que formam o cortejo do Imperador durante a Procissão do Divino. Outras pessoas podem receber os pãezinhos, a critério do Imperador. O pãozinho não é feito para ser comido; ao contrário, deve ser guardado dentro de uma lata ou vidro de mantimentos (grãos), garantindo, em cada casa, a abundância de alimentos. Nos Açores, a distribuição do pão é obrigatória nos bodos e nas refeições rituais. Em Pirenópolis, a tradição oral lembra que os pãezinhos do Divino, também introduzidos na Festa do Divino em 1819, pelo padre Amâncio Ribeiro da Luz, eram oferecidos em bandejas de porta em porta, a toda a população.
DESCRIÇÃO	JANTARES E ALMOÇOS SERVIDOS NA CASA DO IMPERADOR – galinhada, vaca atolada, macarrão, arroz, feijão tropeiro, salada de tomate e repolho, com algumas variações. Os pratos são semelhantes aos servidos nas Folias e nas Farofadas.
QUEM PROVÊ	O Imperador, que recebe várias doações, como vacas, sacos de açúcar, polvilho, bebidas. Donativos das folias, donativos colocados na coroa, no altar na Casa Imperial, outros donativos. Trabalho voluntário e trabalho remunerado.
FUNÇÃO	Partilha de alimentos, servidos na presença da Coroa e das Bandeiras do Divino. O objetivo é cumprir com a tradição, já que a abundância de alimentos para serem distribuídos é um dos procedimentos básicos de movimentação da festa e de demonstração de devoção ao Divino.
DESCRIÇÃO	CAFÉS COM BISCOITO, SERVIDOS PELA MANHÃ E À TARDE PELO IMPERADOR, NA CASA IMPERIAL E EM OUTROS LOCAIS, DURANTE AS CAVALHADAS, DURANTE O ENSAIO DAS PASTORINHAS E NA CHEGADA DA FOLIA DO PADRE – biscoitos de queijo, Pão Pereira, salgados e refrigerantes.
QUEM PROVÊ	O Imperador, que recebe várias doações, como vacas, sacos de açúcar, polvilho, bebidas. Donativos das folias, donativos colocados na coroa, no altar na Casa Imperial, outros donativos. Trabalho voluntário e trabalho remunerado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

FUNÇÃO	Simbolizar a partilha, já que a abundância de alimentos para serem distribuídos é um dos procedimentos básicos de movimentação da festa e de demonstração de devoção ao Divino.
---------------	---

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	COROA DO IMPERADOR - Feita de prata batida e lavrada, a coroa do Imperador do Divino possui três braços, encimada pela cruz latina em prata dourada, sobre a qual se assenta uma pomba de ouro com as asas estiradas. A coroa é colocada sobre uma bandeja de pé alto, também de prata; (cf. <i>Festa do Espírito Santo</i> , publicação da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, Pirenópolis, 2008.) O Imperador é o grande guardião destes símbolos, durante seu ano Imperial. A Coroa permanece aberta à visitação entronizada em altar na casa do Imperador.
QUEM PROVÊ	A Coroa e o cetro do Divino, além da bandeja, foram mandados fazer pelo Padre Amâncio da Luz, em 1826, quando Imperador, oferecendo-as à Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Meia-Ponte. ²⁸
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Simboliza o poder universal do Império do Divino Espírito Santo. Dentre os símbolos do Divino, a Coroa e o cetro são os mais importantes, assumindo lugar central em todos os festejos. O Imperador é o guardião destes símbolos e tem a honra de transportá-los em cortejos e cerimônias, durante o seu ano Imperial. Existem registros de que, nos Açores, <i>“muitas vezes as Coroas saíam às ruas quando a fúria da natureza se fazia sentir, em especial os abalos e erupções vulcânicas. Com a Coroa apoiada num tablado improvisado, as populações imploravam clemência do Paracleto²⁹, entoando orações”</i> . (cf. Marques, 2005, opus cit.) A tradição oral enfatiza que, antes de 1826, os festejos eram tão simples que a coroa utilizada pelo imperador era de papelão. (Silva, opus cit., 2001:50).
DESCRIÇÃO	POMBA DO DIVINO – pomba branca, normalmente de asas estiradas, representada em pinturas, bandeiras, distintivos e em trabalhos de gesso ou madeira, quase sempre colocada sobre os raios dos sete dons do Espírito Santo: sabedoria, entendimento, ciência, conselho, fortaleza, piedade e temor de Deus. Representa a aparição do Divino Espírito Santo durante o batismo de Jesus. As línguas de fogo representam os sete dons do Espírito Santo. (cf. 2008, publicação da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, opus cit.)
QUEM PROVÊ	Vários; é tema da Festa e de devoção, além de largamente utilizada no artesanato local. Existe uma pomba esculpida em madeira dependurada no altar-mor da Igreja Matriz.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Símbolo da devoção ao Divino Espírito Santo, de larga utilização na Festa e fora dela.
DESCRIÇÃO	BANDEIRAS DO DIVINO - bandeira quadrangular em fundo vermelho, ostentando no centro uma pomba, pintada ou bordada em relevo, da qual irradiam raios de luz em branco e prata. A bandeira é colocada numa haste com cerca de 2m de altura, encimada por uma pomba. As nuvens aludem aos ventos, muitas vezes utilizados para descrever as aparições do Divino Espírito Santo. As línguas de fogo representam os sete dons do Espírito Santo: sabedoria, entendimento, ciência, conselho, fortaleza, piedade e temor de Deus (cf. <i>Festa do Espírito Santo</i> , publicação da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, Pirenópolis, 2008.)
QUEM PROVÊ	É normal que cada casa ou família possua suas próprias Bandeiras do Divino, geralmente passadas de geração a geração. Geralmente, o Imperador manda confeccionar outras Bandeiras; pode, entretanto, recebê-las de presente ou emprestadas de outros Imperadores, artistas, amigos ou colaboradores.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Um dos símbolos máximos de devoção ao Divino Espírito Santo, de larga utilização na Festa.

²⁸ ESTA É A VERSÃO TRADICIONAL; SEGUNDO MENDONÇA, 1981:226, A COROA FOI (...) MANDADA FAZER POR D. MARIA JOANA DE OLIVEIRA FLEURY COM SUAS JÓIAS, COMO PAGAMENTO DE UM VOTO FEITO PARA OBTENÇÃO DA SAÚDE DE SUA FILHA. ESSA COROA E SEU CETRO FORAM DOADOS À CIDADE PELO PADRE MANUEL AMÂNCIO DA LUZ EM 1826”.

²⁹ PARACLETO: NOME DADO AO ESPÍRITO SANTO, QUANDO SE PRETENDE CHAMÁ-LO PARA JUNTO DE SI.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

DESCRIÇÃO	BANDEIRAS DO MASTRO – Bandeira quadrangular hasteada no Mastro, no Sábado do Divino. Atualmente, existem duas Bandeiras do Mastro, que são utilizadas alternadamente. A primeira obedece à descrição da Bandeira do Divino, ostentando a pomba branca dos dois lados. A segunda, também em fundo vermelho, ostenta, de um lado, a Coroa do Império e, do outro, a Pomba do Divino. A Bandeira do Mastro entra na Igreja no Sábado do Divino, último dia da Novena, onde é abençoada pelo padre. Em seguida, é levada em cortejo até a frente da Igreja, pelos Irmãos do Santíssimo e pelo Imperador, para a cerimônia de Levantamento do Mastro. A descida da Bandeira do Mastro acontece após a procissão de Corpus Christi, dia em que a Coroa é entregue definitivamente ao novo Imperador. (cf. <i>Festa do Espírito Santo</i>, 2008, opus cit. e depoimento de Leiliane Trindade, 2008).
QUEM PROVÊ	As Bandeiras do Mastro são propriedade da Igreja, porém ficam sob a guarda do Mordomo da Bandeira.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Reverenciar o Império do Divino Espírito Santo através do hasteamento do Mastro, uma das mais belas cerimônias da Festa.
DESCRIÇÃO	QUADRO – quatro varas de madeira pintadas de vermelho
QUEM PROVÊ	As mesmas varas circulam, ano a ano, entre os Imperadores e permanecem de um ano Imperial a outro, na casa do Imperador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Demarcar o território do Imperador nas procissões e cortejos que acontecem no Domingo do Divino, levado por quatro meninas, as “virgens” (estas não se vestem de branco) ou familiares do Imperador.
DESCRIÇÃO	VARA, CASTIÇAIS E VELAS DA IRMANDADE DO SANTÍSSIMO – acompanham os Irmãos nas cerimônias litúrgicas realizadas na Igreja Matriz e na condução da Bandeira do Mastro do altar ao Largo, para a cerimônia de Levantamento do Mastro, no Sábado do Divino. ³⁰ Ao invés do castiçal, o provedor da Irmandade carrega uma longa haste encimada com a pomba do Divino Espírito Santo.
QUEM PROVÊ	A Irmandade
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os castiçais com as velas acesas significam o poder do Espírito Santo.

8.7. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	TERNO
QUEM PROVÊ	O Imperador
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	É o modo tradicional de apresentação do Imperador nas cerimônias litúrgicas do Império.
DESCRIÇÃO	OPAS - capas vermelhas utilizadas pelos membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento durante as cerimônias litúrgicas da Festa do Divino Espírito Santo.
QUEM PROVÊ	A Irmandade do Santíssimo
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Identificar os membros da Irmandade.
DESCRIÇÃO	VIRGENS – VESTIDO BRANCO, COROA DE FLORES BRANCAS NA CABEÇA
QUEM PROVÊ	As famílias das Virgens

³⁰ CAMPOS, ADALGISA, ASPECTOS DA SEMANA SANTA ATRAVÉS DO ESTUDO DAS IRMANDADES DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO (VERSÃO PDF, CONSULTADA EM 26/9/2008).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Acompanhar o Imperador durante as procissões do Domingo do Divino; são por ele homenageadas, recebendo as “verônicas” e os “pãezinhos” na Casa do Imperador
DESCRIÇÃO	VIRGENS – VESTIDO VERMELHO, BRANCO E DOURADO E COROA DOURADA
QUEM PROVÊ	As famílias das Virgens
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Carregar o quadro que conduz o(s) Imperador(es) durante as procissões do Domingo do Divino; são homenageadas pelo Imperador do ano, recebendo as “verônicas” e os “pãezinhos” na Casa do Imperador

8.8. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	CATIRA - segundo Câmara Cascudo, dança masculina que remonta aos tempos coloniais. Realizada em fileira, levada por dois violeiros que cantam moda satírica ou de amor. Os dançadores colocam-se frente a frente, sapateiam e batem palmas ao ritmo das violas. A dança termina com o “ <i>recortado</i> ”, uma coreografia onde os dançadores trocam de lugar. (Dicionário do Folclore Brasileiro, 2008:122/123) As catiras são também realizadas nas Folias (<i>consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F20-02 – Folias do Divino</i>).
QUEM EXECUTA	Os cavaleiros das Cavalhadas, durante as Farofadas e reuniões na Casa do Imperador.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	É tradicional a execução da catira pelos cavaleiros nos eventos ou cerimônias das quais participam.
DESCRIÇÃO	CONTRA-DANÇA ou PAU-DE-FITA – dança de roda de origem portuguesa, realizado em volta de um mastro com fitas presas na extremidade. Cada dançarino segura uma fita pela ponta e, em coreografia simultânea, vão trançando as fitas no mastro; em seguida, os dançarinos dão meia-volta e destrançam as fitas. (cf. Cascudo, 2001:496, opus cit.)
QUEM EXECUTA	Oito pares de crianças, com roupa branca com fita vermelha na cintura e chapéu de palha também enfeitado com fita.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Comemorações do Império, no Domingo do Divino, junto com outros grupos, como Congo e Congada. (<i>consultar também ficha do INRC GO-01-00-08-F40-02 – Cavalhadas e Anexo GO-01-00-08-F01-03 – Bens Culturais Inventariados</i>)
DESCRIÇÃO	DANÇA DO CONGO – vinda de Jaraguá, a dança é apresentada em Pirenópolis desde 1935. Folguedo de origem afro-brasileira, difundido desde o século XVII, apadroadado por Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia, geralmente apresentado nas festas dos santos ou no mês de maio.
QUEM EXECUTA	Duas alas de crianças que encenam embaixada e cantam músicas em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, ao som de tambores e chocalhos. Os participantes vestem-se de branco, com saia vermelha enfeitada com fitas coloridas, os reis com coroa, os restantes com cocar de penas.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Comemorações do Império no Sábado do Divino, ao meio-dia, na porta da Matriz. (<i>consultar também fichas do INRC GO-01-00-08-F40-02 – Cavalhadas e GO-01-00-08-F20-03 - Reinado e Anexo GO-01-00-08-F01-03 – Bens Culturais Inventariados</i>)

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES – NOVENA E MISSA DO DIVINO
--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 01
--	---------------------------

DESCRIÇÃO	CORAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - No período da novena, o Coral Nossa Senhora do Rosário, Dona Ita e seu Alaor e membros da Banda Phoenix – dirigidos por Alexandre Pompêo de Pina, executam músicas e ladainhas, a saber: Salutaris Hóstia (composto por Santo Tomás de Aquino), Veni Creator, Ladainha de Nossa Senhora e Tantun Ergo), Kyrie (em grego) e o tradicional Hino do Divino (composto por Tonico do Padre) que, acompanhado por fogos e tiros de toco, anuncia o final da novena e o início da missa. Durante a missa, executam o Veni Creator, Dirigatur, Kyrie, Gloria in Celis, Creator, Ladainha de Nossa Senhora e novamente o Hino do Divino. (ver anexo I desta ficha)
QUEM PROVÊ	O Coral Nossa Senhora do Rosário é uma iniciativa da comunidade e encontra-se historicamente vinculado às bandas da cidade. (consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F40-01 – Banda Phoenix)
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A missa e a novena cantadas fazem parte das tradições locais referentes à Festa do Divino. A comunidade conhece de cor todo o repertório e canta acompanhando o Coral e os músicos. Diz a tradição que a comunidade, durante os cantos, não entoia o latim em pronúncia perfeita; já houveram tentativas de correção, porém a comunidade não aceitou as mudanças indicadas.
DESCRIÇÃO	HINO DO DIVINO – DE TONICO DO PADRE
QUEM PROVÊ	Músicos/comunidade
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Composto por Antonio da Costa Nascimento, o Tonico do Padre (1837-1903), que fundou a famosa Banda Euterpe, rival da Banda Phoenix. Na Casa do Imperador, o Hino do Divino é tocado em praticamente todas as cerimônias, como também nos outros eventos e cerimônias que compõem a Festa do Divino de Pirenópolis. Todos o entoam como forma de manifestar sua devoção ao Divino, com evidente comoção. (ver anexo I desta ficha)
DESCRIÇÃO	CONJUNTO DE MÚSICAS TRADICIONALMENTE TOCADAS DURANTE AS PROCISSÕES E CORTEJOS DO IMPERADOR Dobrado do Espírito Santo (Cruzeiro) Capitão Portela - Dobrado – composto por Luiz de Tullis Silvino Rodrigues, dobrado composto por Santana do Parnaíba e Cabreúva Mama Mia (arranjo de Joaquim Propício de Pina, com excertos de <i>Amor di Pastorello</i> , de Renato Carosone e Mama Mia) Saudades de Minha Terra, de Antonio Manuel do Espírito Santo Os dobrados têm origem na marcha militar de cadência rápida. No Brasil, a marcha militar, adaptando-se às características culturais locais, tornou-se estilo nacional, quando os mestres lhe adicionaram volatas (cadenzas), contratempos e breques incompatíveis com as evoluções dos quartéis. Seus títulos são geralmente associados a datas e episódios cívicos, nomes de políticos ou cidades. ³¹ . (consultar ficha do INRC GO-01-00-08-F40-01 – Banda Phoenix)
QUEM PROVÊ	Banda Phoenix
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Acompanhar os cortejos do Imperador.

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	não se aplica
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

³¹ DANTAS, F., TEORIA E LEITURA DA MÚSICA PARA AS FILARMÔNICAS, SELO EDITORIAL DA CASA DAS FILARMÔNICAS, S/D, VERSÃO PDF

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

8.11.ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Imperador e sua família	Desmonte da Casa do Imperador, após Corpus Christi
Mordomos	Desmonte do mastro e guarda das Bandeiras do Divino

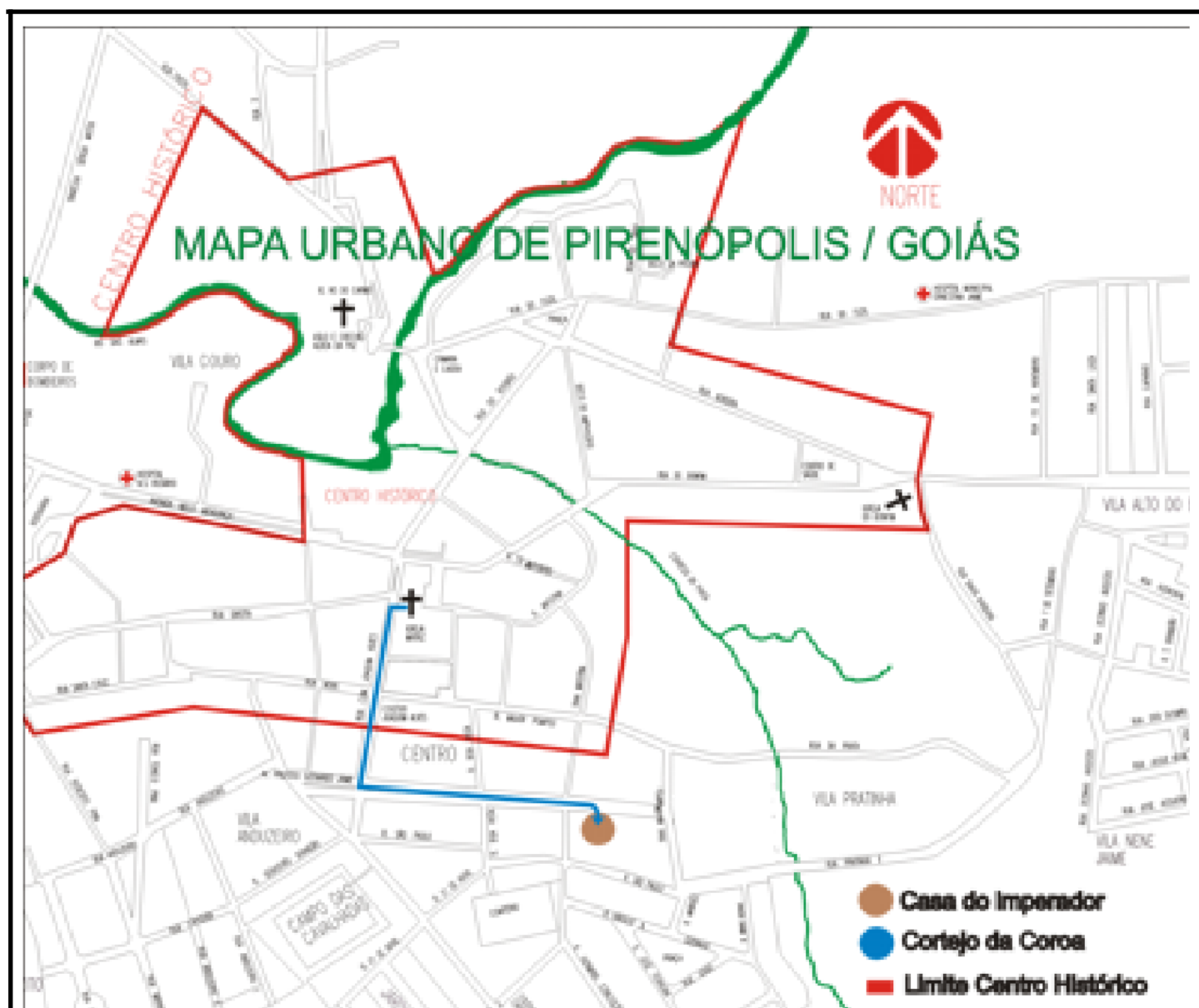
9. PÚBLICO

DESCRIÇÃO
Congraçamento popular, além dos Cavaleiros (Cavalhadas), participantes das Folias e músicos, todos devotos do Divino.

10. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Folias do Divino (da Roça, da Cidade e do Padre)	GO 01 00 08 F20 02
Casa do Imperador	GO 01 00 08 F50 04
Largo da Matriz	GO 01 00 08 F50 01
Cavalhadas	GO 01 00 08 F40 02
Reinado	GO 01 00 08 F20 03
Banda Phoenix	GO 01 00 08 F40 01
Banda de Couro	GO 01 00 08 F01 03
Coral Nossa Senhora do Rosário	GO 01 00 08 F01 03
Irmandade do Santíssimo	GO 01 00 08 F01 03
Barraca do Padre	GO 01 00 08 F01 03
Feira/Ranchões	GO 01 00 08 F01 03

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



ETEC/IPHAN - BÊNÇÃO DA COROA E PROCISSÃO DA COROA, NO DOMINGO DE PÁSCOA.
TRAJETO: SAÍDA DA PORTA LATERAL DIREITA DA IGREJA MATRIZ E TÉRMINO NA CASA DO IMPERADOR

MAPA URBANO DE PIRENÓPOLIS / GOIÁS



ETEC/IPHAN - CORTEJO DA BANDEIRA, LEVANTAMENTO DO MASTRO E "QUEIMA".

GO 01 : 00 08 F20 01



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 01

MAPA URBANO DE PIRENÓPOLIS / GOIÁS



ETEC/IPAN - CORTEJO IMPERIAL E PROCISSÃO DO DIVINO, NO DOMINGO DE PENTECOSTES, PELA MANHÃ.

CORTEJO DA COROA ATÉ A CASA DO NOVO IMPERADOR, NA NOITE DO DOMINGO DE PENTECOSTES.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

12.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL
DOBRORUKA, V. <i>Considerações sobre o Pensamento Trinitário de Joaquim de Fiore</i>, Revista Múltipla, no. 8, Ano V, 2000, Brasília – versão PDF <i>Utopia, ou o melhor dos mundos num mundo distópico</i>, entrevista de Carlos Eduardo Berriel a Álvaro Kassab, Jornal da Unicamp, Edição 310, 2005, versão digital (www.unicamp.br) Casa de Sarmiento – Centro de Estudos do Patrimônio, Guimarães, Portugal <i>Brasil Imperial – Símbolos e Tradições</i> (www.brasilimperial.org.br) Catálogo da Novena do Espírito Santo, Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Pirenópolis, 2008 Museu Imperial de Petrópolis (www.museuimperial.gov.br) VEIGA, F. B., <i>A Festa do Divino Espírito Santo, Goiás: Polaridades Simbólicas em torno de um Rito</i> – dissertação de mestrado, 2002, UFF ALVES, A. C. L., <i>As Artes do Divino de Pirenópolis – Goiás</i>, catálogo de exposição, MinC/IPHAN, 2008. MORAES FILHO, <i>Festas e Tradições Populares do Brasil</i> – Edusp/Itatiaia, 1979, SP MAUSS, M., <i>Ensaio sobre a Dádiva</i>, Antropologia e Sociologia, EPU/Edusp, 1974, SP (2 volumes) GONÇALVES, J. R. S., <i>Patrimônio, Memória e Etnicidade: reinvenções da cultura açoreana</i>, in Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios. Editora MinC, RJ, 2007 TORRES, J., <i>Fastos Açorianos</i>, in Panorama, 1856. SILVA, M. M., 2001, <i>A Festa do Divino – Romanização, Patrimônio e Tradição em Pirenópolis</i>, Agepel, Goiânia. CASCUDO, C., <i>Dicionário do Folclore Brasileiro</i>, Editora Global, SP, 2001 CARVALHO, Adelmo, <i>Coletânea Pirenópolis, História, Turismo e Curiosidades</i>, Ed. do autor, 2002. CAMPOS, Adalgisa, <i>Aspectos da Semana Santa através do Estudo das Irmandades do Santíssimo Sacramento</i> (versão pdf, consultada em 26/9/2008). MARQUES, Rui, <i>A Coroa do Divino Espírito Santo</i>, 2005 (www.portaldodivino.com.br/artigos, em 23/3/2008) SANTOS, F., <i>A Arquitectura dos Impérios do Divino Espírito Santo no Brasil Meridional: Herança Cultural Açoriana</i>, www.azores.gov.pt em 21/4/2008) <i>Festa do Espírito Santo</i>, publicação da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, Pirenópolis, 2008 DANTAS, F., <i>Teoria e Leitura da Música para as Filarmônicas</i>, Selo Editorial da Casa das Filarmônicas, s/d, versão pdf MENDONÇA, B. S. C. de, <i>A Música em Goiás</i>, Editora da UFG, Goiânia, 2001.

12.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS
• Entrevista com Pompeu Christóvam de Pina, s/d • Entrevista com Pompeu Christóvam de Pina, s/d • Entrevista com Pompeu Christóvam de Pina, s/d • Entrevista com Rafael Donato, Mordomo da Bandeira, 12 de maio de 2008 • Entrevista com Pompeu Christóvam de Pina, s/d • Entrevista com Pompeu Christóvam de Pina, s/d

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

12.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Consultar Anexo – Registros Audiovisuais - GO 01 00 08 F01 A2

13. OBSERVAÇÕES

13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
Repertório musical da Banda Phoenix relativo às comemorações do Império. Catalogação/Gravação. Repertório musical do Coral Nossa Senhora do Rosário durante as missas e novena. Catalogação/Gravação. Recuperação e catalogação do acervo musical da Banda e do Coral Nossa Senhora do Rosário.

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Insígnias do Divino Altar da Coroa Terços dos Cavaleiros Peditórios Procissão da Coroa Alvoradas Tocatas Repique de Sinos Novenas Bênção das Bandeiras do Reinado (Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito) Ensaaios dos Cavaleiros Grupos de música e dança (Congo, Congada, Pau-de-Fita) Bênção da Bandeira do Divino Cerimônia de Levantamento do Mastro e queima da fogueira Fogos/Queima Cortejo Imperial Sorteio do novo Imperador Procissão do Divino Distribuição de pãezinhos e verônicas Cortejo do Imperador Bênção e posse do novo Imperador Cortejo de entrega do novo Imperador Descida do Mastro Entrega definitiva da Coroa ao novo Imperador

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Não se aplica

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Entrevistas com Adão Rosa Pires, Toninho da Babilônia, Pompeu Christóvam de Pina e Adail Cardoso. Registros no caderno de campo: Maria José Pires, Telma Lopes Machado, Toninho da Babilônia, Pompeu Christovam de Pina, Rafael Donato e Seu Zuca (José Divino Pereira); Depoimento: Leiliane Trindade.
---------------------------------	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01	00 08 F20 01
--	--------------	---------------------

PESQUISADOR(ES)	Marina de Macedo Soares / Leiliane Trindade		
SUPERVISOR	Marina de Macedo Soares		
REDATOR	Marina de Macedo Soares	DATA 10/10/2008	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Marina de Macedo Soares		

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA